L. J. Nhantumbo

ASSEMBLAGE

Compilação de Letras & Textos

Assemblage

Compilação

Letras & Textos

Esta obra não respeita as regras do novo acordo Ortográfico, e faz uso de palavras que os adultos consideram inapropriadas.

Título: Assemblage

Gênero: Compilação

Formato: Livro digital | e-book

Escrita: MTA e L.J. Nhantumbo

Autor: L.J. Nhantumbo

Revisão: Jacinto Nhantumbo

Organização e Capa: Jacinto Nhantumbo

Conteúdo: 40 Letras e 13 Textos

Dedico todas as palavras escritas aqui:

A minha Mamã, que me amou até ao fim,

Aos meus Vovós, que têm cuidado de mim,

Aos amigos e amigas que têm depositado fé em mim,

Não esqueci, os agradecimentos deixei para o fim

«O silêncio de tua voz grita em nossos corações»

Antoine de Saint-Exupéry

«Chorar é diminuir a profundidade da dor»

William Shakespeare

«Quem canta seus males... Espanta!»

Barão de Itararé

Provável nota ao leitor

Bons ou maus, os pensamentos sempre me assombram, são como demónios que precisam ser expulsos e a maneira que encontrei de o fazer é escrevendo. Não sou escritor, ser escritor me parece ser uma responsabilidade majestosa, sou um curioso que escreve, escrevo para exorcitar os demónios em mim, quando vejo páginas preenchidas de palavras que dantes estavam na minha mente, sinto-me mais leve. Não consigo ainda tirar tudo da mente e representar com as palavras, é uma tarefa impossível para mim e quero acreditar que deve ser assim também para os escritores, por esta razão que quase nunca consigo estar satisfeito plenamente com o que escrevo achando que poderia estar melhor, por isso também que, muita coisa que escrevo acabo esquecendo no meu caderno. Algumas vezes, no decorrer da escrita este pensamento de autocrítica domina-me e não consigo mais avançar com o que tinha em mente para escrever, começo a fazer outras coisas, procrastinando sem se aperceber e achando que isso é um bloqueio criativo ou falta de inspiração. Estou enganado, foi o que descobri recentemente pois, muita coisa que escrevi nessas circunstâncias, foram recebidas sem vaias, com muita aceitação e muitos feedbacks positivos e encorajadores que até cheguei a pensar que era piada que faziam de mim, mas não, eram manifestações sinceras mesmo, aí que decidi fazer esta compilação. Reunindo as minhas melhores letras de Hip Hop poucos textos escritos durante estes últimos cinco anos enterrado seriamente nisto, letras e textos com diversos temas distintos da actualidade contemporânea, que assola maioritariamente a camada juvenil. Não sei explicar melhor que isso, melhor para.

Assemblage é isso, bocados disto e aquilo que juntos, com a intervenção de uma mão artística, podem formar um todo, dar um sentido e significado coerente ao objecto criado por esses pedaços que sozinhos, tinham um significado banal.

Corpus Textual

Letras

Textos

Fim

«Que comece a comédia»

LETRAS

Introdução

Do núcleo interno quase no inferno
Revelação de dentro para fora do hipocentro
Fonte da verdade onde nada se censura
Falo com liberdade o que outrem murmura

Voz activa e alta, permissão não me falta
Políticos escondem quando esta voz exalta
Escondem os filhos, quando puxo o gatilho
Calei o tambor e fiz da maçaroca o milho

Infiltrei-me no sistema, desvendei esquemas
Razão dos vossos problemas são os meus poemas
Oculto a cara, sou alérgicas as algemas
A informação é clara e eu mostro as gemas

Com suas falas nulas, não me abalas
Nem me calas se tentas a balas
Relatório no escritório e dizes que ralas
O povo na miséria e tu em festas de galas?

Sou uma arma de ataque, mestre de combate
Digo muito em pouco tempo considerem-me arte
Censuram-me a escrita, não a voz
Escrevo no singular e também escrevo por vós

Inimigo do político, polémico por ser crítico
Censurado pelos media, por ser explícito
RAP Alternativo e muito verídico
Não sou o maior estilo, sou o mais analítico

«Verbum pro Verbo» feitura compilada por mim
«Palavra Por Palavra» traduzida do latim
Críticas explícitas, do início ao fim
Reflecção lógico-racional, sou mesmo assim

Distribuição gratuita mas o verso não é em vão
Acredita gastei guita nesta compilação
De forma rimática entrego a verdade a nação
Agora cabe a vós, não só com a voz
Apoiar a revolução.

És tu

És tu que tiras-me o sono
Molhas-me com o líquido morno
Por ti, punha a mão no forno
Tu não tens dono tens filhos em seu trono

És tu que atravessas mares, em todos os lugares
Conquistas para amares
Propagas-te pelos ares como bombas nucleares
Ignoras olhares e conforto dos lares

Com a verdade andas aos pares
Malícias vares, tocas em bares
Em auriculares, seguidores tens milhares
És resistente, como os pilares

És tu o inimigo dos políticos
Pelos temas críticos e verídicos
Causas e efeitos deixas explícitos
Em curto tempo expões problemas em poemas rítmicos

És tu criação da mentalidade negra
Aceitamos-te não, precisamos de uma adaga
Em termos de raça, sua visão é cega
Branco, Negro até Amarelo tu não negas

Foste fragmentada ao passar do tempo
Ganhaste ramificações «bounce» por exemplo
Discípulos que fazem do estúdio seu templo
E os que usam-te como profissão, cairão com o tempo

És tu razão da minha metamorfose
Uma mente e um espírito no corpo simbiose
Tu bem sabes que abuso da dose
Se fosses droga morreria de overdose

Tornaste-me marujo neste mar de letras
Metaforizaste os remos em canetas
Provérbios e aventuras anoto em sebentas
Não precisas de cadernetas aqui não há tretas

És mal interpretado, não és culpado
O teu afilhado é que tem-te marginalizado
Empenhado no pódio e no trocado
E outros preocupado em deixar o pessoal informado

Tu cá em África és considerado vício
Em América, és como ofício
Mas continuas uma arma desde o início
Sabes o que fazer no momento propício
És tu o dedo na ferida, do político e sua política enfraquecida
Forneces ao pessoal o que censuram no jornal
És á reflecção lógico-racional em nível mundial.

Nunca

Nunca deixei de gritar por não ser escutado
Nunca desisti por não estar acompanhado
Nunca mudei a escrita por não ser compreendido
Nunca em meus escritos citei um verso ouvido

Nunca pensei em lucrar com o RAP que faço
Nunca falarei mal de alguém para ganhar espaço
Nunca falei bobagens para versos rimarem
Nunca farei música para miúdas dançarem

Nunca lamentei da vida sem antes trabalhar
Nunca deixei de sonhar em arquitetar
Nunca propositei erros por ser imperfeito
Nunca consciente mostrei o meu defeito

Nunca por falta de guita arranquei carteira
Nunca por sofrer «bulling» abandonei a carteira
Nunca por falta de ideias escrevo besteira
Nunca a minha Mãe sofreu com a minha asneira

Nunca saí á rua para criar um inimigo
Nunca deixei-me influenciar por um amigo
Nunca para ser acarinhado divulguei meu segredo
Nunca do trabalho tive medo, sempre acordo cedo

Nunca a minha realidade escondi com mentiras
Nunca dei nem darei sangue a miúdas vampiras
Nunca levantei mão a nenhum adulto
Nunca por ser miúdo agi como um puto

Nunca respeitei a cara de quem me fala pelas costas
Nunca rompi amizades por partilhar ideias opostas
Nunca tatuarei o nome de uma mulher em minha pele
Nunca dirigi-me mal inspirado com a caneta no papel

Nunca procurei mentir para ganhar a razão
Nunca quem elogiou-me apertou-me a mão
Nunca irei a palhota pedir uma mansão
Nunca me faltará pão tenho profissões na mão.

Charada

Eu sou a charada por poucos decifrada
Por vós amada por todos desejada
A cara encriptada, coroa do reino fantochada
Por todos disputada, por todos procurada

O dilema a malícia a felicidade fictícia
A corrupção do polícia a censura da notícia
Matéria palpável desejada em abundância
Mal inevitável o prólogo da ganância

Sou o pseudónimo do ser anónimo
Corpo de lúcifer é meu sinónimo
Fui a razão da fúria de cristo
Sou desde então o advogado do ministro

Sou a razão das solidárias ajudas
Fui a razão dos chicotes dos tugas
Sou a causa da fama do judas
Sou e serei o ser que tu não mudas.

Sou a máscara do vosso baile
O tecido do vosso xaile
O defeito insuperável pela qualidade
Plumas no leito que trazem infelicidade

Eu sou o mal mas por ti necessário
Ser decimal, sinal vital binário
Na minha ausência a presença do precário
Na abundante existência o sorriso do proprietário

Sou debatido na igreja, no ministério
No político partido no Vaticano em mistério
Sou o vício do ambicioso sem critério
Ser maligno que ninguém leva a sério

O meu pacto com o homem só vai até o cemitério
Quando vivo garanto-lhe um império
Sou o incentivo das maldades do hemisfério
Motivo do debate bélico no Iraque.

Prostitutas

Contra tudo e todos vivos e mortos
Nesta sociedade em rumos tortos
Contra as prostitutas novas e adultas
Maquiagem, blusinhas e de saias curtas

Bundas tortas e seios à espreita
Pela noite encontram-se na rua estreita
Universitárias, miúdas da secundária
Desempregas com uma vida precária

Verão ou Inverno encontram-se, no mesmo ponto
Tomas iniciativa ou vão ao seu encontro
Miúdos e adultos todos ganham desconto
No carro, no beco não importa o conforto

Adolescência atrofiada carrega o cérebro morto
Usam e abusam do seu órgão com o outro
Fazem do sexo um negócio e vivem sem sossego
Vida de pecados e se julgam com emprego.

Circulam pelas ruas trajadas ou semi-nuas
No mínimo duas das vinte e duas até as duas
Vestem fantasias não deixam boates vazias
Drogam-se para ganhar energias

Fazem eróticas coreografias

Algumas fazem-te o serviço caseiro

A casa onde habitam serve de puteiro

Ocupação ou profissão não importa parceiro

O papo é recto deste que tenhas dinheiro

Miúda jovem e bela que hoje vive na ruela

Saiu da cidadela onde viveu com Cinderela

Abraçou o sexo e hoje vive como cadela

Casa sem panela TV, é só para novela

Fora a cara dela o corpo garante clientela

Mas depois de muita prática já ninguém quer vê-la.

Messias

Demónios disfarçados como soldados sem fardos
Servos de satanás enganando os mais fracos
Refugiam-se em casas desapropriadas e fazem de retiro
Alguns estão entre nós na cidade é a IURD que me refiro

Manipular os crentes é o seu princípio
Dízimos e ofertas mas não vemos nenhum benefício
Enganador passa-se por pastor, faz parecer o seu ofício
É o sotaque brasileiro que retira-vos o dinheiro

Televisões, rádios e jornais
Essa praga está no mundo inteiro
Palhotas distantes da cidade é o retiro do feiticeiro
Projectam maldades que destroem comunidades
Como prova disso, os desastres naturais e as calamidades

O diabo ensinou ao homem a fabricar potentes armas
Bombas nucleares que destroem o mundo nas calmas
Os demónios estão nos nerónios dos Homens
E em suas palmas
As mais inocentes vítimas são retiradas as almas.

As primeiras guerras foram pelas porções de terras
Agora o Petróleo e os minérios é o que querem deveras

Em Moçambique compram riquezas por quireras
Se não conseguem o que querem, tornam-se ferras

O planeta terra foi o escolhido entre as nove esferas
O satanás pratica maldade nas partes mais vísceras
A autodestruição da espécie chega nas suas vésperas
Se é que não sabias haverá a segundo vinda do messias

Guardemos ao nosso senhor salvador as nossas bias
A nenhum outro deus por nada se alias
Para a sua salvação opta por adequadas vias
Não ignore a palavra do senhor é a salvação se não sabias

Sei sem certeza que nada disto está ligado a ninharias
Mudem o pensamento
Os versículos bíblicos não são fantasias.

Megalómanos

Animal racional o homem define-se a isto
Embora insensível com o que tenho visto
Dantes tinha o raciocínio da magia negra
Hoje tem o patrocínio, da tecnologia mega

Criaram a primeira e a segunda guerra
Hoje preparam a terceira para dominar a esfera
Fizeram pacto com lúcifer, em dezassete de setenta e seis (1776)
A maior potência mundial é o covil do triplo-seis

Megalomania e destruição são os seus ofícios
Vidas humanas tiradas para os seus sacríficos
Inteligência artificial satélites arquipotentes
Vigilância populacional é uma das vertentes

Híper evolução a cada criação bélica
Qual o motivo das armas de destruição maciça?
Calamidades artificiais deixam África famélica
Lágrimas e sangue, cerimónia agora é só missa.

Tiram animais da selva, isolam no quintal
Predem aves em uma gaiola no pendural
Perturbam a natureza na extracção do ouro
Uns morrem pobres outros coleccionando tesouro

Injectam-nos químicos para nos lixar a cabeça
Propositam erros e dizem que o preto não pensa
Promocionam alimentos infectados de doença
Divulgam a cura pela imprensa e exigem a recompensa

A indústria de carros enriquece mas o globo aquece
O castanho da seca aparece e o verde padece
A fome floresce e a economia política cresce
E no final a culpa recai-nos por tudo que acontece

Reduziram a população criando uma carnificina
Drogam-nos com o refresco que contém cocaína
Divulgaram a SIDA, mas não divulgam a vacina
Vendem-nos moletas quando eles é que enterram a mina.

Tanta tecnologia que tiram-nos a privacidade
No futuro próximo não ocultarás nenhuma actividade
O olho que vê tudo estará em toda a parte
Cuidado com a TV, adormece a mentalidade

Demónios e humanos actuam por trás dos panos
Há muitos anos vêm causando danos
São cautelosos em não deixar indícios
Mas a verdade sempre escapa pelos orifícios

Se controlassem o ar meu corpo estaria decomposto
Eleitores dos governadores nunca mostram o rosto

Os versos cá escritos comprovam que a vida é um negócio

Abre a mente e o olho antes que vires mercadoria sócio.

Relíquia Portuguesa

Não sei por onde começar há tanto por dizer
Mas sei o que dizer doa á quem doer
Nascemos para viver há quem vive para sofrer
Nascemos sem nada ter e morremos sem o obter

Moçambique independente relíquia portuguesa
Digo isso pelos imóveis e afirmo com certeza
Dizem que o estrangeiro veio para ajudar
Mais se fores a notar, alguns vêm nos usar

Não tenho receio em dizer a dura realidade
Os medias, que censure-me a vontade
Mas o povo necessita da verdade
E os governantes? Uma mudança de mentalidade

O partido no poder pratica a cleptomania
E o Moçambicano só manifesta a miopia
Isso afecta a economia que resulta a atrofia
Políticos são iguais com visão de megalomania

Aliados fazem-nos passar por humilhação
Maltratando brutalmente a nossa população
Com seus cães policiais comandados por oficiais
Testam a sua raiva em imigrantes nacionais

Animais irracionais, cegos em rituais
Sucessos nas finanças fazem (pactos espirituais)
Seus filhos são sacrificados por meticais
Sua vida não anda pela obra dos seus ancestrais

Chegas a pensar que apodreceste os nerónios
A igreja que frequentas só aumentam-te demónios
Aquele que estudou tem um salário magro
Há quem caneta não pegou e tem um bom cargo

Colegas malquerentes cobiçam a tua cadeira
Vão a palhota e acabam com a sua careira
Até o auxiliar de limpeza quer chefiar a empresa
Disputa de cargos é frequente nesta relíquia portuguesa.

Uns dizem Moçambique é Maputo
Maputo é a zona industrial
Por isso que a energia sai do centro para a capital
Tal hidroelétrica parece ser sul-Africana, por quê?
Não é usufruída em toda tribo Moçambicana

«Chonga Maputo» boa iniciativa do governo
Mas é só para os prédios nunca chegam no nosso terreno
Tanta desordem súbita todos os dias
Emprego, trabalhos inacessíveis estão todas as vias

Indianos chegam ao país montam tabacarias

Lojas de quinquilharias, parques e mercearias

Vendem suas bijutarias e outras mercadorias

Nós na nossa terra servimo-los por quireras

País liberto das guerras não das garras das feras

Estrangeiros na Arquitetura e nós na Agricultura

Isto é uma loucura mentalmente uma tortura

A vida é dura e não dura diga-me, qual é a cura?

Juventude problemática

Juventude problemática
Acordar cedo é uma ginástica
Estrutura esquelética estática
E sonha em ser engenheiro

Punheta em um dia nove vezes
Passeios mentais faz por vezes
Caixa de sabão não dura dois meses
Vive trancado no banheiro

De manhã fora a jogar a bola
De tarde almoça e vai a escola
Com papéis no bolso não leva sacola
Este é seu diário roteiro

Não participa na aula
Macaquices, a sala é como jaula
Indisciplina para impressionar a Paula
Namorar a ela é seu sonho verdadeiro

Não estuda e confia a cábula
Todo exercício para ele é uma parábola
Não decifra nem uma fábula
Nem serve para ajudante de coveiro

Adolescência e seu efeito

Em casa já não há respeito

Usa brinco, tem tatuagem no peito

O puto já não é porreiro

Dezasseis anos já tem um vício

Engravidou a Paula e não tem ofício

Não faz nenhum sacrifício

E pede ao Pai algum dinheiro

Tinha um sonho no início

Agora viver é um exercício

Que não o trás nenhum benefício

O rapaz lamenta o tempo inteiro.

No início ela é santa

Fiel a sua manta

Obediente como anta

Mas no fundo é misteriosa

Fanática em canções de amor

Tristeza e Paixões

De vestido, nunca de calções

Sua educação foi rigorosa

A noite vê telenovela

Não sai nem para comprar vela

No quarto, cortinas opacas na janela
Para os Pais é uma rosa

Na escola poucas amizades
Matemática, sem dificuldades
Não comete irregularidades
Esta tipa é mesmo preciosa

Acaba-se o namoro virtual
Mais preocupada com o aspecto visual
Maquiagem, colantes tal
A miúda se torna vaidosa

No namoro é a primeira
Que pensa em fazer besteira
Já não há tempo para brincadeira
Abre as pernas e entrega a coisa

Estudos abandonou
Quatro vezes já abortou
Ainda criança engravidou
Do anonimato a puta mais famosa

Dezassete anos tem uma filha
(E o Pai?), um dos muitos da fila
Consolo recebeu da família
Com a vida não foi cuidadosa.

Negócio ou religião?

Negócio ou religião, dê a sua visão
Uns defendem o segundo por sofrerem neste mundo
Outros no primeiro pelo sotaque brasileiro
Pela obsessão no dinheiro e estarem no mundo inteiro

Como o sexo e a droga, como a praga que roga
Profanando a falsidade em sua obra
Nos bolsos levam tudo e nada sobra
Corpo humano com o espírito da cobra

Perante ao seu rebanho são teólogos
Falsos diálogos, fazem-nos de monólogos
Senhores cobradores, angariadores de valores
Burladores, manipuladores, pastores impostores

Estudaram a economia e auditoria
Aprenderam filosofia aprofundaram a cleptomania
Passaram por curandeiro investiram em tecnologia
Por baixo do nevoeiro manipulam a maioria

O crente é o cordeiro sacrificado todo o dia
Janeiro á Janeiro, pobre mais pobre que melancolia
Portas abertas para mais sacrifícios
Dízimos e ofertas mas não vemos benefícios

Partilhas o salário do suor do seu ofício
Acorda seu otário este é o momento propício
Consulta o oráculo, ATM em pleno cenáculo
Que espetáculo até científicas para o cálculo.

O bem soa, o mal voa, a verdade vêm átona
Isso me fez escrever e despertou-me a mona
De ano em ano, demostram o lado profano
Não precisam de um pano para enganar o Moçambicano

Omnipresentes são através dos medias
Tornou-se fácil manipular uma Lídia
Tudo nítido como o vidro cristalino
Mas há quem ainda crê neste falso ensino

Pastor sem outro ofício tem um vasto gado bovino
E tu achas que é um milagre do senhor divino?
Essas são as profecias da bíblia que não lês
Lê apocalipse, o que está escrito agora vês

Acredita António, a terra virou um pandemónio
Compartilha o património, livra-te do demónio
Disto estou certo; lúcifer actua por perto
Ele não é esperto, teu olho é que não está aberto

Cada um vê mal ou bem conforme os olhos que têm
Desta religião também admito, fui refém

Eles cobram, roubam e dizem: Amém
Será que este é o caminho para chegar ao além?

Lentamente o arrebatamento vem
Os que acreditaram vão a nova Jerusalém

A farsa do exorcismo abençoa da desgraça
Televisões e rádios até no centro da praça
Templos, cenáculos são as capas da farsa
Aqui tens a verdade propaga é de graça.

Geração da viragem

Geração da viragem da música sem mensagem
Jovens cantam bobagem em ganham imagem
Gera do artista que atingir o pódio
Impossível com tantos conflitos e ódio

Gera que fez o Hip Hop ganhar ramificações
«Underground» é a raiz do resto são só versões
Gera do PC, celular e telenovelas
Dos vândalos que não ficam nas celas

Gera do jovem que estuda embriagado
Do mulato que desfila de carro alugado
Dos musculosos com os populosos «six packs»
Que por semana com essas mamanas marcam «packs»

Gera dos putos que têm vícios
Largam os estudos e não arranjam ofícios
Da bebida forte, como o «whisky» asiático
Que degrada o organismo e põe o cérebro estático.

Gera da miúda que a curtição se entrega
Basta teres um carro, o sexo ela não nega
Da mulher que diz: não há amor sem dinheiro
Pensamento interesseiro, por isso tem mais de um parceiro

Gera da criança que gera outra criança
Sonhos viram cinza e morre a esperança
Recordam o preservativo depois do acto
Gravidez ou SIDA, tarde para desfazer o pacto

Gera que reflecte quando vive as consequências
Da prostituída devida há más influências
Dos Pais que não assumem seus filhos
Abandonam a mulher grávida e seguem seus trilhos

Gera do cota que no final do mês some
Curte em bares enquanto a família passa fome
Daquele cota que tem uma catorzinha maluca
Motivo para chamar a esposa de velha caduca.

Gera que demonstra carência de conhecimento
A mesma que habita nesta tribo de cimento
Que ao invés de reunirem-se nos Ministérios
Marcham sem panfletos a cometer erros sérios

Gera que vem a capital a busca de oportunidades
Pobre nortenho é enganado pelas publicidades
Sem escola acaba como segurança
Decepção de quem viajou com esperança

Gera dos estudantes que abandonam a «School»
E acabam nas minas da África do sul

Por acreditarem nas aparências acabam na ratoeira

E são maltratados do outro lado da fronteira.

Dói

Dói acordar sem nada para fazer
Assistir televisão até a vista doer
Dormir, de madrugada e de tarde
Ir a igreja só para pedir consolo ao padre

Dói deambular com um canivete no bolso
De esquina em beco, em busca do almoço
Andar inseguro por medo da bófia
E por falta de condições perderes a sua sócia

Dói nascer, viver e morrer pobre
Usar joias apenas de cobre
Na rua, chamarem-te desgraçado
E apenas em festas, comeres frango assado

Dói ser vítima de «Bowling» na escola
Pela deficiência ou carência de mola
Dói estar na porta da igreja a pedir esmola
E para cativar os crentes ter que tocar viola.

Dói em seu país ser humilhado
Usado e abusado metaforicamente, pisado
Por um estrangeiro que escravizou-nos no passado
E por outros que tomam-nos o país ao bocado

Dói ser condenado sem ser o culpado
Incondicionado a um bom advogado
E só depois de considerado réu malogrado
É que a justiça descobre que foste injustiçado

Dói ver incompetentes em cargos de competentes
Competentes desempregados por não terem costas quentes
Uns sem ensino básico mas são tesoureiros
E os universitários como seus faxineiros

Dói ver um adolescente consumidor de droga
Com dezasseis anos dar um neto a sua sogra
Dói ver um jovem com pensamento imaturo
Que abandona os estudos e arrepende-se no futuro.

Dói arrendar uma casa recebendo salário mínimo
Pagar as despesas e dez por cento para o dízimo
Rezar, em um luxuoso santuário
E sua casa não ter se quer um armário

Dói nascer e crescer com o Pai ausente
Mãe desempregada e dependente
Sem dinheiro para uma faculdade privada
Juntar-se aos milhares disputando uma vaga

Dói nascer pra viver e estar a sofrer
Crescer sem nada ter e morrer sem o obter

Fazer um curso, não conseguir trabalho
Formar-se em um ramo e saltar para outro galho

Dói ver um jovem com distúrbios mentais
Invocado da palhota à mando dos seus Pais
Pais que fazem esses rituais para agradar os ancestrais
Com a finalidade de angariar certos meticais.

Sabias?

Sabias que é estupidez ignorar quem te chama
Sabias que o amor hoje em dia não têm chama
Sabias que o homem só quer o corpo da dama
Sabias que a mulher no homem só quer a grana?

Sabias a perfeição é fruto da calma
Sabias que a infelicidade da celebridade é a grana
Sabias que o homem peca fazendo sexo com a palma
Sabias que a fé pode salvar a sua alma?

Sabias que a guerra é sempre intencional
Sabias que o vício pode ser fatal
Sabias que o natal não é uma data celestial
Sabias que a bíblia é um alimento espiritual?

Sabias que Moçambique é mais que a capital
Sabias que nossa riqueza não é só cultural
Sabias que é uma dádiva a capacidade intelectual
Sabias que o limite é uma barreira mental?

Sabias que à IURD é um quartel de impostores
Sabias que os pastores são burladores
Sabias que eles também são cobradores
Sabias que no Cenáculo tem ATM nos corredores?

Sabias que cá há muitos investidores
Sabias que eles são meros exploradores
Sabias que os Políticos são prometedores
Sabias que a campanha é um ritual de enganadores?

Sabias que os Pais são mais que educadores
Sabias que os livros são mais que televisores?
Sabias que certos negros acham-se inferiores
Sabias que muitos brancos julgam-se superiores?

Sabias que América só causa dores
Sabias que a idolatria nos torna pecadores?
Sabias que o indício das eleições são os contentores?
Sabias que L.J. tem reflexos observadores?

Partida

Cheguei a chorar neste mundo físico
Parto a lamentar em estado crítico
No estado vegetal, para ser específico
Na cama do hospital, naquele frio típico

Sem força vocal tento um monólogo psíquico
Actividade cerebral em estado clínico
No passeio matinal contemplo a natureza
Ciente do meu final a morte é uma certeza

Amanhã, depois, é tudo incerteza
Vivo para o hoje desfrutando a beleza
Do imaginar, do pensar e esquecer a tristeza
Profundamente amar a musa e a deusa

No silêncio ajoelhar-se agradecer numa reza
Poder trabalhar, produzir sem moleza
Receber e ajudar mesmo na pobreza
Com prazer ofertar e sorrir com sutileza.

Jovem fecundo de ideias positivas
Hoje um moribundo sem espectativas

Passei desde mundo de forma despercebida

Respiro fundo, retrospectivo a minha vida:

Quis ser exemplar para os demais

Poder orgulhar a mim e aos meus Pais

Ter família, ofício e a própria moradia

Valorizar o sacrifício, vangloriando todo o dia

Largar o vício malício que aos poucos seria

O motivo do precipício que me mataria

Cair como um fruto, foi o que eu queria

Encurtei o tempo curto e colhi o que merecia

Opilado de sonhos como todo menino

Planos risonhos escrevi para o destino

Fiquei desorientado, desviei-me do caminho

Caí cedo debilitado e senti-me sozinho.

1994

Das paredes orgânicas da minha progenitora
Tanta coisa se passou, minha memória não ignora
Quatro quilos e duzentos gramas quando cheguei cá fora
Bebé saudável e passei pela incubadora

Noventa e quatro é o ano, Agosto se não me engano
Hospital Central de Maputo, parto cesariana
Mãe crente, de uma família carente
Dono do feto ausente, conheci o amor materno somente

Filho único educado a respeitar não pelos bens
Respeitas-me, respeito-te, não pelo que tens
Brincava na rua das sete às dezassete
Com os amigos, descalços, sem camisete

Luta punho a punho, não havia canivete
Conversas cara a cara, não tínhamos internet
Ao anoitecer, telejornal, novela e cama
Mata-bicho pão com «badjia» raramente havia Rama

Cresci a jogar tétulas, não tinha Super-Mário
Carrinhos de arrame, sem bolo no aniversário
Fiz um rolamento, chamaram-me engenhoca
Bilhares de papelão, minha imaginação era louca.

Época de férias metia o pé até a praia
Nunca sozinho sempre com amigos da mesma laia
Nando e Hipólito Lima, Acácio e Caló
Companheiros de infância nunca estivemos só

Fazíamos casinhas brincando de Papá e Mamã
Todos disputávamos para o papel de Papá
Diferente de uns, nunca fui a creche
Aprendi sozinho a não mexer o que não se mexe

O vício pelo dinheiro não bateu a minha porta
Mas a necessidade sim, o motivo pouco importa
Comecei a vender sucatas ao pé do cinema «Charlote»
Semanalmente tinha que conseguir outro lote

A rua foi a escola, meus amigos os meus docentes
Meus familiares próximos também estiveram presentes
Na construção da personalidade e na minha educação
Palavras não bastam, agradeço-vos de coração

Por cada lição dada com dedicação
Por cada punição a cada má acção
Por cada correcção, por cada «sim» e «não»
E por tudo que não posso dizer nesta ocasião.

Carreira desconhecida

Primeiro me inspirei depois parei e pensei
Sentei e analisei, imaginei e anotei
Apresentei o que citei, cantei e gravei
Não falhei pois ensaiei, bem sei pois decorrei

Não plagiei criei, não cabulei, me preparei
MTA se intitulei e ao público me revelei
Se exagerei não notei, se errei melhorarei
Escorreguei e me levantei, não parei, abrandei

Não terminei pausei, um ano teorizei
Superei e retornei, trabalhos mostrei
Abandonos presenciei, desesperos notei
De grupos me divorciei, Hip Hop a sério levei.

Estúdios dispensei, no quanto improvisei
Com micro e fones que comprei e Samplitudde que baixei
«Mixtaps» compilei, lancei e divulguei
Rádio não precisei, TV nunca pisei

A escrita me viciei, a crítica me dediquei
Esquema rimático abracei e por inteiro me entreguei
Igual a mim procurei e nunca encontrei
Individualismo apostei e minha carga puxei

De desafios participei, fui derrotado e derrotei

Em locais onde passei, aprendi e assimilei

Sempre falei tudo que investiguei

E tudo que apoiei, sem abusar a lei.

Insensatez humana

Conforto, qualidade de vida, todos desejamos
Metas traçamos e nem todos alcançamos
Cobiça e inveja pelo caminho cultivamos
Tornámo-nos mundanos em busca do que sonhamos

Todos querem mandar ninguém quer ser ordenado
Cursam curtos cursos por um ordenado
E os sonhos de infância empoeirados no passado
Trocados pela ganância e um pensamento quadrado

Na busca excessiva pela riqueza material
Pelo poder universal, é o princípio do mal
Megalomania e Cleptomania são os rituais actuais
Quem diria que um dia se tornaríamos animais

Guiados por instintos de sempre querer mais
Insanos, famintos, profanos e irracionais
O ódio, o Amor, já nada se difere
A mão que ajuda-te é a mesma que te fere.

Lamentamos o que não temos, desperdiçamos o que temos
Dedicamos a nossa vida em alcançar ambos extremos
E no final da partida nenhum dos dois obtemos
Erros alheios cometemos, não aprendemos, não crescemos

Gastamos tanto tempo em penoso trabalho
Sem se apercebermos que o retorno é só sualho
Queremos criar, inventar configurar a natureza
E não conseguimos alcançar o vigésimo de sua beleza

Não existimos para criar, a natureza deu-nos o útil
Construímos, destruímos, vivemos neste ciclo fútil
E pouco evoluímos como seres pensantes
Nunca se redimimos e continuamos ignorantes

Teorias e teoremas sobre a criação do universo
E os pequenos dilemas mantém o homem submerso
Num mar em turbulência pela própria ignorância
Estamos anos-luz de distância para alcançar a bonança.

Ideais de um mundo perfeito já foram escritas
Descritas por artistas, cientistas e pacifistas
Muitos são os egoístas, poucos são os activistas
Que figuram nas listas em defesa de causas humanistas

O homem ainda sonha em mudar a humanidade
Mas não consegue nem a sua personalidade
Em seu imaginário altera a rotação da esfera
Mas por muito que queira, é só uma quimera

Sua preocupação é o crescimento económico
(A maior ambição?) projecto nano tecnológico

Para aplicação na criação do arsenal atómico

Até parece uma ficção mas nada disto é utópico.

Pugna contra penúria

(O hoje é atemporal a pugna imaterial
Cordial e abismal, expressa de forma musical
Sentimento universal para todo o ser natural
Sensato e racional, o escopo é espiritual)

Desejo a todos amigos e aos conhecidos
Novos, antigos, presentes e desaparecidos
Que cultivem o amor plantado com sabedoria
Isentem-se da dor, respirem a euforia

Iniciem os planos projectados há anos
Não temam os danos, aprendemos quando erramos
Somos todos humanos sujeitos a enganos
Mas sempre petiscamos quando experimentamos

O inimigo anda a solta a espera da sua queda
Sem razão de revolta atira-te a pedra
Ignore-o, continue o caminho é para frente
Se o tempo não recua, escolha sabiamente.

Quantas vezes tentaste sair do buraco?
Situações enfrentaste da vida sem taco
Punhos não cessaste quando estiveste no vácuo
Por melhoras esperaste e o tempo fez-te caco

Plantaste esperança, colheste desilusões

Nunca viveste a bonança só dilemas sem soluções

Rogaste ao «todo poderoso» bênção no trabalho

Pelo corpo poroso brotaste suor no soalho

Nunca foste preguiçoso em nenhuma actividade

Teu esforço penoso não trouxe-te felicidade

Embora virtuoso e dotado de sanidade

És muito orgulho para vender a dignidade

Uns sobem ao pódio, tu cavas a sua cova

Na pugna da vida, só levas sova

Até desperta-te ódio e percebes que é uma ova

E de cabeça erguida anseias uma posição nova.

Nesta longa-metragem, prossigo em viagem

Nas costas a bagagem em direcção a margem

Nadando contra a maré, puxando a ancoragem

Não vejo ninguém, tudo parece miragem

Amigos cantam vaias encaro como bobagem

São homens com saias que não têm coragem

Ignoro-os e prossigo, confiante na aragem

Sei que aos poucos consigo, a Fé, é minha vantagem

Eis aqui a mensagem se és da minha geração

Deixa de escutar música e ver televisão

Não acata a opinião pública eles não têm noção
Que cada pessoa é única nesta imensidão

Desapega-te do aparelho e da má socialização
Não sejas fedelho aposte em maturação
Oiça o mais velho e siga um ancião
Isto não é um conselho são dizeres de motivação.

Na arquibancada céptica

Tenho metade da idade de um adulto de meia-idade
Vivo no centro da cidade, no seio da maldade
Estudo na universidade, digo com dignidade
Frequento com regularidade participo de toda actividade

Fiz algumas amizades com colegas de carteira
Cultivei afinidades assim mesmo na brincadeira
Com diferentes realidades e a mesma financeira
Potenciais capacidades adormecidas na carteira

Na minha comunidade a situação é igual
Integrados na sociedade construindo o capital
Conformados pela mediocridade imposta pela Moral
E é trocada a sagacidade pelo maldito metical

A nossa honestidade é compensada pela pobreza
E os iníquos de verdade beneficiados pela riqueza
Onde está a tal divindade que criou a natureza?
Abandonou a humanidade e deixou-nos na incerteza

Eu não perdi a sanidade, não se juntei aos ateus
Retorqui com seriedade a existência de um deus
E como não é novidade, nem os cristãos e judeus
Mostraram plausibilidade e apedrejaram-me como Galileu

Com esta agressividade dei basta a religião
Passei a tomar responsabilidade de toda a acção
Hoje recorro a criatividade para auto-superação
Enfrentando dificuldades sem recorrer a oração.

Sei que a malícia é o bem que beneficia o mal
O mau é alguém que cogita o tal
O Homem é o ser que se diz racional
Mas é difícil perceber se esse dizer é geral

Somos feitos de defeitos, perfeitos imperfeitos
Somos todos sujeitos ao engano nos feitos
Sujeitos insatisfeitos, seres malfeitos
Parasitas já eleitos pelos nossos eitos

Somos a tal criação a imagem do criador
Será que merece veneração no seio de tanta dor?
A minha é que não, fartei-me deste impostor
Sem nenhuma compaixão, incapaz de exprimir amor

Anos e anos cegado pelo senso comum
Todos meus planos não interveio em nenhum
Inúmeros humanos submetidos ao jejum
São os mesmos manos que caem um a um

Sem razão ou motivo nascido nesta desgraça
Como homem nocivo estrangulado pela própria raça

Digo: deus não está vivo, se está, é uma farsa
Sendo mais pejorativo nunca existiu Arca de aliança

Na Arquibancada Céptica que há tempos critiquei
Mas a cada dialética repenso o que falei
Não me leves a mal irmão se te decepcionei
Mas o Pai celestial morreu e eu o enterrei.

Teórico e prático

Quem sou realmente para criticar o outro ente?
Julgar suas acções e rotular a sua mente
Dizer o que fazer, como deve proceder
Aconselhar a escolher, o que plantar, o que colher

Sou um Teórico aprendiz do discípulo sem mestre
Acredito no que ele diz e visto o que ele veste
Sentimentos superficiais robotizados por sua escrita
Acções artificias consoante o que ele acredita

Tenho preguiça em pensar, em reflectir até no espelho
Fico horas a meditar em frente a um aparelho
Música suave a tocar, «scroll» do rato a rodar
Dicionário para consultar e água para hidratar

Conheço a vida na teoria, na visão do escritor
Como viver com alegria, como amenizar a dor
Sei os passos para o sucesso, as etapas e o processo
Sei teorias em excesso, da criação do universo

Conceitos do amor e ódio, da paixão, da obsessão
Do caminho ao pódio, à primeira classificação
Técnicas de expressão vocal perante uma multidão
Da linguagem corporal de um bom anfitrião

Muita coisa sei que aprendi do livro
Mas nada pratiquei pois da fobia não me livro
Apenas li e memorizei para ser activo nas conversas
No princípio se empolguei, até lia as pressas

Agora eis-me aqui com teorias na cabeça
Pareço um manequim que não age mas pensa
A vida é mesmo assim (Sempre falta-te uma peça)
Não é diferente para mim, estamos juntos nessa.

Diferente de poucos, igual a muitos
Concordo com os outros em vários assuntos
Ente activo na prática, arrisco, por vezes petisco
Mentalidade eufórica (se respiro, logo existo)

Confesso que odeio folhear até uma revista
Livros pouco leio, cansam-me logo a vista
Sou vulgar, sou normal, sou anti-perfecionista
Mas o meu maior mal é ser um seguidista

Sou objecto de monopólio sem opinião formalizada
Como poços de petróleo (sou uma alma explorada)
Até que ando informado, embora não seja nada
O que me deixa preocupado é ter a vida automatizada

Apesar das minhas acções reflectirem as decisões
Fruto de reflexões, ainda colho desilusões

São estas situações que servem-me de licções
E despertam-me visões para ver a três dimensões

Eu insisto e persisto em tudo que cismo
Sem resultados não desisto, meu «ísmo» é o «Continuísmo»
Passivo a leitura, prático sem metodologia
Com garras e bravura enfrento a luta dia-a-dia

Não tenho cabeça dura, só não sou de teoria
Vivo a vida dura e supero-a sem anestesia
Pode até parecer loucura mas é a minha filosofia
(Da cama à sepultura, serei meu próprio guia)

Não será a literatura do Oriente, do Ocidente
Nem a sua cultura que fará a minha mente
Embora pareça miniatura perante a essa gente
Minha autonomia e envergadura, é que tornam-me excelente.

Medo

Olá velho amigo, como tem passado?
O mesmo comigo mas o dobro deste lado
Quero falar consigo tudo que me tem frustrado
Há tempos que não consigo, de hoje não passo calado

Já há muito tempo que corremos ao vento
É chegado o momento do nosso rompimento
O tempo que durou, passou muito lento
E tudo que ficou foi só, dor e lamento

Fartei-me de si e da nossa convivência
Quase tudo que perdi deve-se a sua existência
Se continuares aqui, partimos para violência
Hoje expresso-me assim porque perdi a paciência

Tu és má companhia, sem nenhuma virtude
Antes que vires fobia e eu me desiluda
Hoje é o dia em que tomei atitude
De escrever em poesia o quanto me prejudicas a saúde

Apoderaste-me devagar, como qualquer vício
Me fizeste acreditar em um mundo fictício
Ilusão e decepção, conheci desde o início
Quando o nosso laço de união se mostrou vitalício

A nossa triste relação isenta de cumplicidade
Tatuada no coração com uma suave agressividade
Deu origem a solidão e uma porção de insanidade
Mergulhei nesta escuridão com uma longa vitalidade.

Ambos somos crescidos com ideais desenvolvidos
Os meus mais passivos e os seus compulsivos
Enxerga-te caca, somos polos repulsivos
Tchau, «bye» e tatá, sem tratados ponderativos

Foi quando criança que ficamos conhecidos
Ainda na lembrança carrego feitos mal sucedidos
Comos os passos de dança, há tempos adormecidos
Arrancaste-me a confiança para vivermos escondidos

No rosto a confiança e o receio na mente
No dedo a aliança, no pescoço a corrente
No sonho a abastança mas a mão é dormente
E todo pendular na balança, causas tu, praticamente

Preciso de espaço, liberdade de agir
E um verdadeiro abraço para nunca desistir
Nem se for um pedaço é muito para progredir
Pouco a pouco, passo a passo, em mim deixarás de existir

Essa promessa te faço pois sei que vou conseguir
Romper de vez este laço que tanto tentas impedir

Ciente que o tempo é escasso e o final está por vir
Quebrarei até o aço se estiver a interferir

Ciente que não estou só quando vou dormir
Caem-me lágrimas de dó ainda ao se despir
Cubro-me com dominó e começo a reflectir
(Será que ato o nó?) tenho medo de decidir.

Ermo

Onde estão os meus amigos quando eu preciso?
Quem são os meus amigos que até hoje não visualizo?
(São os novos ou antigos?), estou ainda indeciso
Não são os mortos nem os vivos, que fique o aviso

Este monólogo não é recente e já me assombra o juízo
Quando olho-me atentamente, já virei um narciso
Embora descontente consigo soltar um riso
Vivo assim indiferente e apartado da «ISO»

Estou frustrado, zangado e sinto-me abandonado
No chão fui lançado, pisado e humilhado
Excluído, ignorado, sem motivo apartado
Quase sempre isolado, no ermo refugiado

O que fiz de errado? Por que sou desprezado?
Sei que serei mal interpretado pelo que tenho falado
Então, que fique explicado por que estou revoltado
(Males tenho enfrentado sem ninguém do meu lado)

Tudo que faço não presta, para vocês sou um falhado
Toda malta me detesta e na rua sou apontado
Tratado como a besta, de todo mal sou culpado
Mas se olhas a minha testa não há nenhum número marcado

Escrevo assim e assado, de como estou inspirado
Escrevo hoje estressado e amanhã mais relaxado
Escrevo o quanto sou odiado e o quanto posso ser amado
Mas escrevo preocupado se serei devidamente captado.

Não sou um chorão em busca de consolo
Se achas-me um bebezão, és mesmo um tolo
Isto sai-me do coração, digo-te, não enrolo
Estende então a sua mão, dá-me então o seu colo

É simples amigão, será que é pedir de mais?
Quero acreditar que não, sejamos cordiais
Estou sozinho na escuridão onde os demónios são reais
Afundo nesta podridão, deambulando em espirais

Conheço bem a solidão, já explorei todas vantagens
Hoje acabou a diversão, preciso de novas viagens
Sair do meu quarto, contemplar novas paisagens
Ouvir novos sons, escutar novas mensagens

Mas sozinho já não, necessito de um companheiro
Dispenso a multidão, procuro o verdadeiro
Os poucos que virão, que venham por inteiro
Está é a condição para atarmos o laço derradeiro

No Inverno, no Verão, no Outono, na Primavera
Em qualquer estação, estarei a sua espera

Serei o seu guião, seu escudo contra a quimera
E espero de si irmão que remuneres da mesma maneira

Termina assim este monólogo que inicia com uma questão
Os meus amigos quem são, os verdadeiros onde estão?
Será que aparecerão e os falsos se afastarão?
Ou nem se quer saberão por desconhecerem esta Compilação.

Sonhos

Eu sou um, ser humano comum
Nascido em um ano, em um parto cesariana
Obra sem um plano, fruto de um engano
Sou apenas um humano e por destino Africano

Vestido e alimentado apesar de ser um dano
Criado e educado por um casal Moçambicano
Onde a Mãe é maltratada por um marido insano
E ele é humilhado pelo patrão tirano

Mas meu Pai se esforçava pelo meu futuro
Enquanto a Mãe chorava naquele quarto escuro
Eu apenas observava que ser adulto é duro
Nada que vivi almejava por muito que fosse burro

Todos anos matriculava em uma classe diferente
Nunca reprovava era simplesmente inteligente
Não copiava, sabia naturalmente
Dedicava-se, encarava os estudos seriamente

Do pouco que tinha, da carência dos parentes
Firme se mantinha, até mostrava os dentes
Morávamos numa casinha, daquelas indecentes
Sala, sanitário, cozinha e quartos insuficientes

De bens materiais sempre fomos carentes

O amor dos meus Pais valia mais que mil presentes

Nunca pedi demais, apenas que fossem pacientes

Com os sonhos triviais que pareciam indiferentes.

Mas o tempo provou que a luta não foi em vão

O escuro apagou-se no findar da tribulação

Meu Pai alegrou-se e saltitou de emoção

A Mãe abraçou-me e chamou-me, Campeão

É assim que acontece, quando o sonho não esmorece

O espírito se enaltece e a força aparece

E quando o medo padece o caminho livre, logo vê-se

E tudo que você merece, com o tempo te pertence

Difícil é acreditar, é mais fácil imaginar

Não sou eu a afirmar, apenas estou a contar

O que muitos estão a vivenciar, outros por começar

Sem motivos para continuar, desistem de tentar

Qual a razão de respirar, beber e se alimentar?

Se não for para se esforçar, por uma causa lutar

Ficar aí a lamentar de nada te vai adiantar

Irmão, tenta se animar que o mundo está a girar

Viver não é sonhar põe-te já a acordar

Com este modo de pensar não vais à nenhum lugar

Não sou quem vai ditar como deves-te comportar
A escolha é peculiar e o tempo está a passar

A vida é um mar, vive quem sabe nadar
Morrer é se afogar, apoia-te em algo para boiar
E se a vida for um pomar, devemos sempre cuidar
Constantemente regar para nunca deixar murchar.

Liberdade de escolher

Liberdade, liberdade, sinónimo de euforia
Acompanhada da responsabilidade, segundo a Filosofia
Liberdade é na verdade ingrediente da alegria
E todo ser com sanidade almeja ter algum dia

As escolhas que tomamos, caminhos que escolhemos
O curso que cursamos, o emprego que gostamos
A mulher que amamos, os filhos que educamos
E tudo pelo qual lutamos, sem liberdade, só imaginamos

Tenho liberdade de viver a vida que me pertence
Liberdade de escolher aquilo que me apetece
Nascer, viver, morrer, depois não se sabe o que acontece
Então, deixem-me correr antes que o tempo me ultrapasse

Vocês adultos têm medo de nos ver a falhar
E começam ainda cedo a tentar nos acorrentar
Por isso mostro-vos o dedo, não refiro-me ao polegar
Vossa actuação é um enredo que não quero participar

Errar é humano, eu não sou um Avatar
Se hoje me engano, amanhã vou superar
Esconderem-me atrás do pano, de nada irá adiantar
Terei sempre um plano que me vai libertar

Se não confias em mim, quem é então o culpado?
Eu aponto a si por seres meu encarregado
Tudo aquilo que vivi foi fruto de um aprendizado
Do que vi, do que ouvi, na casa em que fui criado.

Assim a ofensa é dupla se me chamas mal-educado
Mas o problema não é a culpa para eu me ter revoltado
É a falta de desculpa que me mantém aprisionado
E a protecção que não faculta distinguir, o certo do errado

Os sonhos que eu tenho para o meu futuro
Batalho com empenho, sozinho eu aturo
Não recebo a vossa ajuda tão pouco a confiança
Mas isso nada muda, realizarei os sonhos de infância

Tudo que não tiveram quando crianças
Reconheço que me deram, desde a educação às finanças
E o que não puderam ser profissionalmente
Em mim elegeram como se eu fosse indigente

Os Pais tem o direito dos filhos educar
Não de esticar o peito para os intimidar
Tenho o dever e respeito de algumas coisas aceitar
O que nunca aceito é um preceito sem revidar

Uma coisa mais concreta é a escolha da religião
Qual a mais correcta, qual a melhor opção?

Fizeram-me acreditar que a certa é a vossa, mas não
É tudo uma treta escolho viver pela razão

E se um dia a queda encontrar-me no caminho
À direita, à esquerda ou no meio, sozinho
Não culparei a pedra, não culparei o destino
Assumirei a perda por muito que pareça tolinho.

Não te devo nada

Meu Pai biológico fugiu quando eu nasci
Minha Mãe criou-me com todo amor que mereci
Na casa dos meus avós, local em que cresci
No bairro da Mafalala que até hoje vivo aqui

Tudo aquilo que sei e tudo que aprendi
Dou graças a eles e amizades que colhi
E não a um deus que nunca se quer o vi
Que diz que me ama e que morreu por mim

Santa ignorância isso não faz sentido
Pare com essa arrogância não sejas fingido
Durante sua infância eras um ser temido
Ficavas todo comido quando fosses desobedecido

Matavas quem quer que fosse, sem dó nem piedade
Velhos, mulheres, até menores de idade
Não tinhas limites ao praticar crueldade
Desculpa lá, és mesmo uma divindade?

Falas sempre de amor naquele livro seu
Mas só patrocinas a dor, ainda exiges o meu
Respeito a si senhor, não, estou feliz como ateu
Folgo aos domingos e saio para beber «maheu»

Criaste-me do nada sem a minha permissão
Com liberdade de escolha como sinal de compaixão
Sou feito à sua imagem mas censuras-me a razão
Por que me deste então? Responda-me a questão

Sei que não podes do momento, tens de ouvir uma oração
Anotar um juramento, escutar outra confissão
Assistir ao sofrimento do mendigo deitado no chão
Que dorme ao relento cobrindo papelão

Por que permites o mal, se és «todo-poderoso»?
Se não acabas com o diabo é porque és medroso
E não me venhas com a falácia que seu pensar é misterioso
Acabe com essas tretas e prove que és manhoso.

Crias regras, absurdas de compadecer
Se és único ser supremo, não há lógica no seu proceder
Cá entre nós, diga-me o que estava a acontecer?
Quando criaste o Homem, estavas a um passo de enlouquecer?

Qualquer um ficaria, eu não te vou julgar
Sozinho no vasto universo, sem ninguém para conversar
Sei que é insuportável mas tu devias superar
Enfrentar seus problemas e tentar se acalmar

E não se rebelar pôr-se nervoso a criar
Um mundo para governar, um homem para te adorar

Dia e noite te louvar, de joelhos a implorar
Por um mundo novo sem o mal para atormentar

Egoísta, estúpido, egocêntrico, arrogante
Invejoso, maldoso, orgulhoso, ignorante
Malicioso, impiedoso, ser supremo principiante
De «todo-poderoso» não passas de um amante.

Tudo que falaste, tudo que escreveste
Todo ódio que demostraste com os crimes que cometeste
Não passavam de um teste (foi a resposta que me deste)
Eu não te devo nada pois, foi tudo que me deste

Se queres ser louvado procure outro burro
Que anda atrás da luz como se estivesse no escuro
Amizade e amor seguro, por hoje é o que procuro
Se não podes ajudar suma, que já não o aturo

E avise suas ovelhas que este carneiro virou lobo
Não me abordem na rua, não me façam de bobo
Não me deem folhetos, revistas nem amuletos
E não me falem de um deus que incentiva incestos

Para mim basta, estou indiferente a tudo
Acordo, carrego a pasta, vou a busca do meu canudo
A fome em África é vasta por um motivo absurdo
Para mim já basta rezar a um ser mudo.

Pai-nosso que estás no céu, o que fazes por aí?

Vem a nós o seu reino no Iraque, no Haiti

Seja feita a sua vontade tanto no céu como aqui

Livrai-nos do «malamém» e do fanatismo por si.

Levantando do chão

Um dia acordei e do nada existia
De seguida chorei, respiro desde esse dia
De onde cheguei? Da barriga, foi o que ouvia
Na época acreditei, negar não podia

Cresci convicto da existência de um ser divino
Que criou o céu, a terra e o líquido cristalino
E teve um filho que a transformou em vinho
Este foi o ensino me transmitido desde menino

Até que um dia despertei de repente
Eu não sabia até então recentemente
Que percorria por um trilho cegamente
E tudo que eu via foi criado pela mente

Mas como poderia ter percebido anteriormente
Desta cegueira se via sempre o sol nascente?
E como poderia convencer o outro ente
Que fomos manipulados desde o ventre?

Assim fiquei, percorro por um caminho diferente
Dos meus parentes e de amigos principalmente
Olhado de lado por pensar diferente
Abandonado, deixado, isolado de toda gente

Fazer o quê? Se não seguir em frente
Adaptar-me a vida de um jovem descrente
Aproveitar às horas que perdia semanalmente
Na igreja, quatro horas especificamente.

Levantando do chão como José Saramago
Dei costas a religião com um semblante amargo
Anuncio a revolução a este combate armado
Munido da Razão, tenho ateísmo como aliado

Dogmatismo e cristianismo é tudo igual
Catolicismo, islamismo, et cetera e tal
Mas quem sou eu para criticar afinal?
Um neo-ateu, que leu e acha-se intelectual?

Não, acho que não, deixo isso ao vosso critério
Rezem ao vosso deus para que desvende o mistério
E espero, que seja antes da minha ida o cemitério
Porque o tempo é escasso e eu levo a sério

Deus pode isso, deus pode aquilo
Deus pode tudo e comunica-se em sigilo
Deus não faz o mal, permite o cancro do mamilo
A SIDA, Pesticida, sofrimento no asilo

Morte nos hospitais, desastres naturais
Crimes paranormais, corrupção nos tribunais

Saque de dinheiro em edifícios paroquiais
Em igrejas, que mais parecem centro comerciais

Pauso por aqui, a lista seria interminável
De futilidades, de um ser abominável
Sinceramente falando, que currículo desagradável
O mais engraçado, é que alguém o acha amável

Só mesmo rindo, calado e assistindo
Aproveitar o dia lindo, vendo o céu se abrindo
A vida são dois dias, nascer depois morrer
Outros são utopias nunca irão acontecer.

Nerd

Pessoas quietas têm mentes barrulhentas
Pensamentos rápidos, com palavras lentas
Por fora são flácidas, por dentro violentas
Até prova do contrário não são rabugentas

Discordam das ideias que vão contra seus ideais
Não são manipuláveis como as pessoas normais
E apesar de acreditarem que viemos de animais
São meigos e simpáticos para com os demais

Ignorados, destratados, representam a minoria
Os super-dotados, a maioria com miopia
Conhecedores devotados no cultivo da sabedoria
Observam calados a vossa hipocrisia

Autores de teorias, trovadores de poesias
Maestros de sinfonias, destros em filosofias
Conversadores versáteis pela bagagem de conhecimento
Quando olham uma parede, veem além do cimento.

Com a «caixa do pensamento» decifram as equações
Que se encontram ao vento, em sucessões
Antecipam um evento, em casa de calções
Fazem o devido reconhecimento e os planos de acções

Não creem em deus nem em contos de fadas
Apostam nos seus familiares e bradas
Praticam o bem, a troco de nada
Diferente de quem espera por palmadas

Mulher..., não é o que parece
Acham que não quer, que ninguém o merece?
Enriquecer, envelhecer, sozinho no estresse
Adoecer e depois morrer, não, ninguém merece

Ser igual é chato, ser diferente é duro
Dou por mim estupefacto, encostado no muro
Pelo simples facto de instruir um burro
Ser ignorante de facto hoje em dia é mais seguro.

Doze pês

[Prostituição]

A mais antiga profissão

É a imundice carnal, o atalho para o cifrão

Praticada pela mulher, percebida de antemão

Pelo homem que a compra e a censura na multidão

[Políticos]

Esse é o P pior

Corja de ladrões que decidem o que é melhor

Para mim, para ti, sejas tu quem for

Desgraçam o próprio eleitor

Não se importam com sua dor

[Polícia]

É farinha do mesmo saco

Juntamente com o político só querem nosso taco

Revistam-te dos pés a cabeça, da mão ao sovaco

Atrás de possível sentença ou moeda de tabaco

[Padre]

Pobre homem alienado

Não suportou a vida e sobrevive como um falhado

Atrás daquela batina está um senhor envergonhado

Que acha-se abençoado e que deus é seu cajado

[Pedofilia]

É o acto mais praticado

Por aquele senhor que o mencionei a bocado

Representante do criador, por isso é adulado

Pela família da menina que é o objecto desejado

[Paraíso]

É fruto de uma utopia

Lugar de magia, cheio de amor e alegria

Criado para alienados que acreditam na profecia

A morte é o passaporte basta crer na fantasia

[Pobreza]

O contrário de riqueza

Cenário vivido no mundo, ignorado pela nobreza

Do primeiro mundo que constrói a fortaleza

Segregando o tal vagabundo da chamada realeza

[Passado]

Uma dimensão inexistente

Assim como o futuro, só existe o presente

Conselho de amigo, erga-te, siga em frente

Não há muito a dizer, aquele lugar é deprimente

[Pai]

Não sei bem como é

Minha Mãe é que foi, meus avós também

O biológico me abandonou, informalmente, «deu no pé»
Saudades nunca deixou porque partiu como um «mané»

[Paz]
Todo homem sensato quer
Para comer e reproduzir seguro com sua mulher
Mas os governantes, pouco se lixam para o que se quer
Lá fora é violento é tipo: salve-se quem puder

[Paralisia]
É a ausência de actividade
E o paralítico hoje em dia é a própria sociedade
Não há revolucionários nem acções em colectividade
Somos mais solitários, é a idade da individualidade

[Pensamento]
É a barreira imaterial
Que separa o homem racional de qualquer animal
Fruto desse mental, resume-se ao Bem e o Mal
Findarei em trivial acrescentando a Moral.

Escola de vida

Há perguntas que ainda não têm respostas
Embora outras tantas com afirmações supostas
Como baratas tontas, apressados tomamos notas
Escrevendo ideias em palavras soltas

Rimas de amor, paixões e revoltas
Contra o opressor que o maldizes e votas
Contra o pastor que te toma as notas
Em nome de um senhor que cegamente o devotas

Sentirias minha dor se na minha pele estivesses
Sou além deste amador que na escrita conhecesses
Exprimo de sem fulgor a dor da multidão
Sou um reles narrador movido pela obsessão

Escrevo tudo de coração, desde o princípio fui puro
Não tenho uma legião, simplesmente não procuro
Sou apenas um embrião, que ambiciona ser maturo
Permanecendo «Underground», ciente que o caminho é duro

Conciso na visão acerca do futuro
Batalho desde então, sozinho, no quarto escuro
Distante da distração, só aqui me sinto seguro
A vossa falsa opinião, juro que já não aturo

Mas não sou tão chato assim à ponto de recusar
Opinião doutro MC que só me vem a beneficiar
Apenas fechei-me aqui no meu próprio lugar
E prometi não me adaptar a quem me quer rejeitar.

Sem receio ou censura, sem desvaneio vou escrever
A rima mais pura e verdadeira sem esquecer
De representar a cultura que ensinou-me a ser
Para além da envergadura que muitos sonham em ter

Hip Hop da rua é a cultura que refiro
Olhado como pobre por suportar o martírio
Afastado dos nobres isolado no retiro
Ideias como essas são frutos de um delírio

Pois pobre sou mas não completamente
A falta de dinheiro não me torna indigente
Sou livre, sensato e são de corpo e mente
Concreto, não abstracto e amigo de boa gente

Fui educado pelas ruas não por falta de parentes
Agarrei-me as duas escolas diferentes
Com unhas e dentes, em todas as vertentes
E hoje sou um discípulo daqueles competentes

Único RAP digno vive e fala a realidade
Afirmo pelo desígnio explícito na oralidade

O MC tem um papel importante em sua comunidade
Ariscar a pele em prol da verdade

Hip Hop é uma actividade de muita responsabilidade
Mesmo quando usado para outra finalidade
E embora escusado em sua musicalidade
Os que respeitam o legado, o representam com criatividade.

Mania indócil

Não tenciono por nada ser a próxima celebridade
Ergo a caneta gastada, com mês de idade
Traço a letra alinhada aos sucessivos versos
Mente entusiasmada, explorando universos

Pouco serei reconhecido por este acto solitário
Escrever feliz e aborrecido como se construísse um diário
Muitos me têm esquecido, poucos me percebem
Não me dou por vencido nem convencido que não me recebem

Não sei ainda ao certo qual é o fim disto
Embora conciso decerto, escrevo e insisto
O amanhã é incerto, aldraba-se quem o tem previsto
O agora é que existe, aproveito e não desisto

Quero sair dos bastidores, da sombra das cortinas
Encarar espectadores, espantar as rapinas
Quero estar com trovadores escalando a pé colinas
Não procuro aduladores nem intimidades com meninas

A solidão me basta mas a fama não nego
Letra tenho tanta de transtornos que carrego
Depressão me persegue com martelo e prego
Mas ela não percebe que nunca me entrego

E se a morte é para todos, então não tenho medo
Vou escrever e escrever até sangrar os dedos
Fazer da caneta e a sebenta meus brinquedos
Um dia serei ouvido, reconhecido, tarde ou cedo.

Começou na curiosidade, experimentei ao acaso
Naquela ingenuidade era um papel raso
A ideia era rimar, métrica não vinha ao caso
O mais rápido terminar, obedecia um prazo

Em uma viagem de ida, com passagem de volta
Atraído pela batida, a mão ficou mais solta
Cabeça toda pronta, cegueira conheceu a morte
Rasguei meu passaporte e abracei esta sorte

Sorte de aprender quando estou a ensinar
Sorte de poder falar a rimar
Sorte de escrever, sem nada para limitar
Isto me fez conhecer meu próprio limiar

O norte é a frente, a morte é a meta
Métrica diferente na voz e na letra
Cai areia da ampulheta eu sentado num cometa
Viajando pelo planeta, com caneta e sebenta

Mas nem sempre é assim, imaginação esgota-se
Transpiração entra aí quando a mente encontra-se

Em transe temporário, fora da órbita

Aciono o modo solitário, pratico a mania mórbida

Sem grupo ou banda, sozinho no «Under»

A mim ninguém manda, MTA, só anda

Sem grupo ou banda, sozinho no «Under»

E se o reconhecimento não vier? MTA, não se zanga.

Cinco anos na activa, já sou licenciado

Manter a poesia viva, (cumprindo o primeiro jurado)

Depois da positiva com a obra «Verbum Pro Verbo»

Cheguei a conclusiva que sou um bom servo

Entreguei-me por inteiro tal como advertido

Fiel mensageiro, requisito cumprido

Desde sempre verdadeiro, mais outro obedecido

E tudo que me é retribuído, é um público ensurdecido

Ninguém me escuta, isso tem em aborrecido

E não há desculpa que me deixa convencido

Que o conteúdo que trago passa despercebido

Isso não acredito, mesmo sendo introvertido

Juro meu irmão tentei parar de escrever

Mas essa opção não me cabe escolher

O cérebro e o coração são os comandos do meu ser

Não posso dizer não, apenas proceder a obedecer

Na auto-exposição, apostei em demasia

Canção em canção são, tristezas e alegria

Se verso fosse um grão de arroz não emagrecia

Desnutrição não preocuparia, gastrite não temeria

Só para a minha informação, o que disse é utopia

Caio em depressão só de saber que a poesia

Que escrevo com dedicação não passa de uma porcaria

Ao desgosto do cidadão influenciado pela maioria

… Globalização.

Pobre e rico

Despertaste, acordaste e da cama levantaste
De seguida te exercitaste e ao espelho se olhaste
Confiante sorriste, três palavras pronunciaste:
(Serei feliz hoje), saíste e caminhaste

Não tardou, o vizinho já reclamava
(Comida não sobrou?) desesperado se apalpava
Nos bolsos revistou e nada encontrava
Na carteira confirmou que o vazio espreitava

Ignoraste e continuaste com um sorriso falso
Mas logo se cruzaste com um descamisado e descalço
No peito exclamaste, (o que faz o Pai da criança!)
Fingiste que não reparaste e aceleraste logo o passo

Na vida há contrastes, muitos padecem com o escasso
E se ainda não notaste, partilhamos do mesmo espaço
Mas poucos estendem o braço, muitos têm o coração de aço
Até quem tu votaste, não deseja seu avanço

E melhor é para eles que continues assim
Pobre, pouco nobre, com cobre, sem marfim
Sem viver, a sobreviver, esperando seu fim
Censurado, sentado a ver a impunidade ao motim

Desgraçado assumido com vergonha de não ter
Este verso é agressivo mas tinha de o escrever
Desgraçado foste parido sei que não o quiseste ser
Mas se todos vamos morrer, que diferença irá fazer?

Já chegavas ao destino pelo caminho percorrido
Já nem lembravas do menino e o inquilino foi esquecido
Trabalhador como tu é seu vizinho empobrecido
Aquele senhor comum pelo sistema esmorecido

Pela porta envidraçada já notavas a secretária
Aprumada, bem apresentada, aparentemente hilária
Conversa curta, retórica, típica e diária
Despediste e se ajuntaste a sua classe operária

O patrão no escritório, um licenciado estrangeiro
Tem mais do que precisa, mulheres, casas e dinheiro
Trabalha noite e dia, é ambicioso em demasia
Não tem tempo para família, corrompido pela marcomania

Enquanto enche o bolso, sua humanidade esvazia
Ao espelho é o colosso cadente de empatia
E vai descendo o fosso por uma escadaria
Achando que sai do poço por falta de sabedoria

Ser rico não é fácil pior ainda é ser feliz
Riqueza e sucesso é conseguir o que eu quis

Isso não trás satisfação, olhe para qualquer actriz

Felicidade é aceitação do que tens, é o que se diz

Pobre ou Rico o final é um só

Chegamos cá sem nada e assim retomamos ao pó

Sem roupa da moda ou a vergonha do rococó

A morte anda em roda ceifando a todos sem dó.

Medo de crescer

Quando o receio supera a atitude de agir
O Homem se distancia da meta a atingir
Daquele sonho risonho começas a desistir
Ficas no chão a reflectir e não consegues discernir

É o medo da responsabilidade que está a surgir
Se apegas a mocidade, mesmo ciente da realidade
Que esta acção da verdade só te vai deprimir
A frustração consumir a cada ano de idade

Crescer meu mano não é fácil para ninguém
E abster-se do plano, não é solução também
(Depender do Pai ou mesmo do Tio?
Dar despesas a Mãe por medo de encarrar o desafio?)

És uma pessoa adulta andando em rodopio
Sem plausível desculpa a este vício doentio
Mano a vida é luta que se trava dia a dia
Aposte na labuta, conquiste sua autonomia

O Homem não se define pelas velas que soprou
Pelos planos que traçou ou metas que alcançou
O Homem é ser sublime nas decisões que tomou
Nas batalhas que travou e nas pessoas que inspirou

Nascer para Morrer a vida são dois dias

O destino é único mas, muitas são as vias

Derrotas e quedas, tristezas e alegrias

Fazem parte da caminhada se é que tu não sabias.

Suicídio

Tira a corda do pescoço, guarda esse banquinho
Se a vida é madrasta, não queiras ser padrinho
Está difícil em todo lado, quase para toda gente
Sair do mundo enforcado não é conveniente

Problemas e dificuldades fazem parte disto aqui
Se pensas que calamidades só acontecem a si
Há quem não tem nada e sorri mesmo assim
Sem cama, sem almofada, sem prata e sem marfim.

Ar e Água, Abrigo e Alimento
E o próprio Agasalho, somam os cinco elementos
Que o ser humano, precisa para viver
O resto é mundano e sobrevives sem ter.

Não se sabe o que há ao certo depois da morte, talvez o fim, talvez o recomeço ou o sono profundo, então só por precaução todos desejam acordar a respirar. Um doente mental, um humano sem abrigo e sem prepectiva de nada, e até mesmo o padre que diz acreditar em uma vida depois da morte, olha para os dois lados da estrada antes de atravessar, não há nenhuma verdade no fim do dia, só especulações. Há pessoas neste momento que estão deitadas de costas na cama gelada do hospital com um tubo de soro com agulha na ponta espetada na veia, a olharem para o tecto

com os olhos molhados de lágrimas com esperança de um dia saírem vivos de lá, por mais que seja mais uma hora, mais um minuto de vida. Isso faz-me pensar profundamente naqueles jovens que tem a vida a correr pelas veias que divorciam-se dela com uma corda no pescoço por motivos muito fúteis.

Um filósofo de rua um dia disse-me que nós só precisamos de cinco coisas para viver, e todas iniciam com a letra «A», que são: Ar - para respirar, Água - para hidratar, Abrigo - para se refugiar, Alimento - para se manter em pé e Agasalho - para se aquecer. Se analisares bem, ele tem razão, tudo fora desta pequena lista não é tão útil qunato parece, podemos viver sem as ter. Se calhar acrescente eu a esta lista: Amor e Amizade.

Findando a verborreia: Aos que pensam em cometer suicídio por estarem a sentir uma dor profunda, lembrem-se que a dor da morte é para quem fica, e por mais que te sintas para baixo, há sempre quem está na pior.

Mal

Mal, afinal quem é o Pai desse mal?

É o ser transcendental ou o animal racional?

O diabo decerto é a opinião global

Um tal anjo esperto, governante universal

Censo comum é a ponte do conhecimento actual

Eu não creio em dogmas acredito na moral

O dogma é veneno da potência intelectual

Única certeza trivial é que o mal é real

Ausência do bem, insatisfação da conduta

De alguém para outrem, com ou sem desculpa

O mal é histórico, nascido da labuta

Arquitetado pelo homem, o mal reside na disputa

Homem transfigurado em animal selvagem

Facto mais que consumado, não se trata de miragem

O fim é justificado pelo meio que é usado

Mesmo que o resultado prejudique o irmão do lado.

Vida na periferia

Não sei por onde começar, há tanto por dizer
Mas sei o que dizer, doa a quem doer
Nascemos para viver, há quem vive para sofrer
Nascemos sem nada ter e morremos sem o obter

Periferia é o lugar distante do centro urbano
Desprovido de quase tudo que é básico ao ser humano
Prometem-nos melhorias, de cinco em cinco anos
E na campanha o político profere os clássicos enganos

Ninguém olha por nós, ninguém ouve a nossa voz
Ninguém sente por nós quando nos falta pão e arroz
Vivemos ao «deus dará», jeová, buda ou alá
Mas enquanto nenhum dá, lutaremos a sós por cá

Com os meios que possuímos, com o pouco que temos
Até onde conseguirmos, enquanto ainda vivermos
A vontade não é pouca, motivação não nos falta
(Olha só para esta roupa, que já é de longa data)

Água entra quando chove, por baixo e por cima
À noite ninguém dorme, a casa fica uma piscina
As crianças deitam-se na mesa, não há como usar a esteira
Os adultos a espera do sol, é assim, não há maneira

E quando a chuva passa, chega a cólera e a malária
Enchem filas nos hospitais, cadáveres em mortuárias
Por simples falta de drenagem em uma rede viária
Já nem dá para reportagem, esta é a rotina diária.

Energia eléctrica oscila como piscadelas
Postes sem iluminação permitem crimes nas vielas
Aqui é mesmo assim, jantar à luz de velas
Não é romantismo, daí, fechamos as janelas

Água na torneira fecha antes da tarde
A pressão é baixa, levo horas num balde
Muitas vezes nem sai e chega factura do FIPAG
A qualidade é baixa e ainda querem que eu pague?

Já não bastam as taxas e os impostos?
Só se lembram daqui quando querem votos
No meu bairro nada muda, só aumenta o agregado
Nove cabeças na mesma casa com um mínimo ordenado

O que será do futuro desta nova geração?
Se salário não dá para pão, imagina para educação
Daí que muitos jovens se entregam a exploração
Lambendo botas de um patrão em troca do cifrão

A vida é bela só na tela, quando passa a telenovela
Na periferia é só mazela, cada casa é como cela

Mulheres se entregam a vida ou a pilotar panelas

Homens acabam em obras ou em biscates nas ruelas

A todos aqueles que sonham em sair daqui um dia

Lembrem-se que vossas raízes estão na periferia

Dêem um pedaço de vós, pratiquem a filantropia

Só ajudando a maioria, viverão em alegria.

Evolução?

Supondo que Eva e Adão foram nossos ancestrais
Ignorando a evolução, ideia que viemos de animais
O homem como pensamento evoluiu até demais
Multiplicando o conhecimento até aos dias actuais

Da palha ao cimento, das pedras aos metais
E todo aprimoramento de outros materiais
A exploração das plantas para fins medicinais
O controlo do vento e outros ecossistemas naturais

Tudo parece uma beleza ao olho desatento
Mas a Mãe natureza acha o homem violento
Pela nossa destreza em quase todo evento
Que expeliu muita tristeza até o actual momento

Evoluímos na tecnologia através da ciência
Esquecemos da sabedoria que é a verdadeira essência
A real primazia que daria sentido a existência
Se não fosse pela hipocrisia que reprimiu a consciência

SIDA

Existo e sou real não me descrimine
Acelero a morte de quem não se previne

Sou mortífera, criação da ciência
Carnívora, tiro-te a existência
Não tenho estrutura, não tenho aparência
Não tenho moldura, não tenho clemência

A escala decimal, reduzo sinais vitais
Responsável desse mal
Transforma vidas em restos mortais.

Existo e sou real não me descrimine
Sou mais penal que qualquer crime
Te agrado, sou o pior veneno
Se propago e ganho mais terreno.

Existo e sou real não me descrimine
Sou mais penal que qualquer crime.

Aparências

Eu não nasci assim estranho como sou
E não culpo a mim ou quem me criou
Sou fruto da sociedade ela que me moldou
Na busca de integridade que a mesma rejeitou

Por mais solitária que seja minha pessoa
Um tanto arbitrária, céptica que até enjoa
Preciso de companhia, além do meu ego
E procuro dia a dia, a falsidade não me entrego

Pois viver de aparências e não ter identidade
Convergem na mesma triste realidade
Fingir gostar e ser só para ser aceite
Digo: não é viver quero ser diferente

Apurado ou não seu campo de visão
Aparência é ilusão, obstrução da percepção
De conhecer o que é, além da configuração
Exterior que também, é uma distorção

Serei o que quero (eis o cerne da questão)
Opinião nem espero para saber que é enganação
C.D.F. (cabeça de ferro), que seja isso então
Ao menos me venero quando rejeitado na nação

Diferente de vós, ó fracos de coração

Que procuram aprovação, de quem vos pisa sem educação

Estúpidos sem noção, aparentam o que não são

Carentes por atenção, marionetes da globalização.

Todos sentimos a necessidade de se enquadrar em um grupo social, que partilha das mesmas ideias que as nossas. Quando somos rejeitados a primeira, por vezes vestimos máscaras só para sermos aceites. Vivemos de aparência para agradar a terceiros, não queremos ser vistos como estranhos. Mas eu digo, ser estranho é ser diferente, e ser diferente num mundo de iguais, é o que nos torna especiais.

Mais um dia de barriga vazia

É a porra de mais um dia e hoje agarro a minha bic
Se a barriga está vazia, não é por falta de apetite
É a crise na economia, concretamente em Moçambique
Há uma semana não padecia e hoje padeço de gastrite

Carrego a crise nas entranhas bem antes da idade
Não há machambas castanhas, nem no campo, nem na cidade
Mas nos mercados apanhas preços a uma disparidade
E esses cabrões nas campanhas prometeram-nos prosperidade

Enganaram-nos de novo, já não é novidade
O novo patrão é o povo, é o slogan da actualidade
Um patrão que não tem vez e seu pranto é censurado
Que paga a dívida que fez o seu ex-empregado

Não há emprego, não há trabalho, nem uma oportunidade
Licenciados estão sentados como estiveram na faculdade
Outros a serem formados, formatados pela universidade
Mestrados e doutorados, amputados a sagacidade

Estou incluso na lista de estudantes universitários
A fome e a fadiga são os dilemas diários
Mas o que faz com que não desista são os meus conselheiros
A palavra deles me instiga porque são verdadeiros

Além da barriga, há que alimentar a mente
E quanto a mim felizmente, ando saciado como é evidente
Apostando no futuro, lançando a semente no presente
É o investimento mais seguro, mais maturo e consciente

Como o outro dizia: a crise já foi mental
Hoje de barriga vazia, percebo que chegou ao metical
Mas não precisa da CIA nem da perícia criminal
A cara da cleptomania é o ex-dirigente nacional

Nada fez a polícia nem o supremo tribunal
Quando difundiu-se a notícia na TV e no Jornal
O sistema está fudido já dizia o mano Chacal
Enfraquecido e corrompido, pelo partido imparcial

A democracia é enganação, cuidado que és assassinado
Só tem liberdade de expressão o cidadão não letrado
Recordo da manifestação que não aconteceu ano antepassado
Fez-se a rua um batalhão da milícia bem armado

Ficou claro desde então, não, ficou confirmado
Que nos querem ver calados, sentados e conformados
Nossos direitos confiscados, nossos prantos revogados
Salários magros atrasados, mais subsídios aos deputados.

Guardiões

De oitenta e um à noventa e um
Foram dez anos que não houve jejum
As mentes trabalhavam, reportavam o que importava
Se inspiravam no que observavam, educavam quando repavam

As cabeças abanavam ao «boom-bap» que tocava
Os ouvintes imitavam o artista que apresentava
Na rua, no palco, onde quer que se encontrava
Ao sol, a lua, o MC improvisava

Sem receio ou censura, a alma se libertava
Nascia assim a cultura que a negritude representava
Quatro pilares na estrutura, era tudo que suportava
O B-Boy que dançava, o DJ que tocava
O Grafiteiro que pichava e o MC que apresentava

Época de ouro passou, o Hip Hop se desintegrou
Individualismo se alastrou e a cultura declinou
Fedelhos invadiram, a internet ajudou
Entre eles competiam, pela imagem, pelo flow

Os puros assistiam no que tudo se tornou
Alguns desistiam outros tantos se vendiam
Ramificações surgiam mas o underground não abalou

Equipados de dom, consciência e competência

Guardiões do nosso som, resistiam as tendências

Criticavam os que não entendiam, elogiavam os que sentiam

As raízes que fortaleciam e impediram a decadência.

Tem mais

TEXTOS

As Rainhas devem ser coroadas

Sim, elas são feitas de carne e osso. Elas são tão inseguras que preocupam-se com detalhes ínfimos, a escala microscópica, que o nosso olho não se apercebe, e por que haveria? Se não é isso que realmente procuramos delas. Se elas tem uma beleza não manipulada, que não precisa de químicos coloridos para destacar isso, devemos elogiá-las sempre que tivermos a oportunidade, mesmo se ela revidar enrugando a testa e soltar palavras da boca sem as pronunciar verbalmente, aquela ameaça típica da linguagem corporal, que isso não sirva de desculpa para o acto de elogiar. Elas precisam de nós não só para acabar com a tal «solidão» que elas temem, e com a insegurança de que ninguém as vê no mundo, precisam de nós na vida delas, mesmo que não atemos laços derradeiros da «amizade colorida», basta uma simples amizade já é o suficiente. Se não tomarmos a dianteira de expressar aquilo que sentimos com atitudes, que seja da maneira mais simples e curta, através da fala e da escrita. Cruzamos sempre com elas, convivemos com elas, e perante elas nada dizemos, refugiamo-nos em conversas superficiais do cotidiano, através de perguntas retóricas tão cansativas, e quando as vemos pelas costas, começamos a eclodir a voz com «eles» num tom eufórico de rebentar os tímpanos de que ouve, para expressar a falsa opinião de que elas carregam farrapos ou despojos de tecidos nos seus monumentos ambulantes. E são falsas mesmo essas opiniões, apenas por sermos como somos, não podíamos deixar passar sem pôr a baixo a imagem delas, santa arrogância a nossa, falar mal pelas costas e se calar frontalmente. Se elas vestem aqueles despojos de algodão, é por nós, achas que entre elas se preocupam tanto assim? Creio que não, porque se apenas o gênero delas estivesse aqui nesta esfera em ebulição, não necessitavam de carregar aquilo no corpo, deambulariam sem nada, como chegaram, da mesma forma como foi lá naquele jardim fictício

onde supostamente tudo começou. Se não gostou, seja sincero e diga-a na cara, com modos e sutileza, para elas não encarrarem como algo negativo, e se gostou não seja cacata com as palavras, diga a ela, assim ajudas a fortificar os alicerces da sua autoestima. Não é no fundo, é bem na superfície do próprio «não subconsciente» que temos o conhecimento do quão importante e especiais elas são, apesar de prevalecer aquele ar animalesco, «...que todas são iguais e nenhuma delas presta...», apenas aquela que permitiu que chegássemos a vida adulta saudáveis, com o mínimo de condições para caminhar neste vale em direcção ao fim, somente aquela, e aquela só é que é diferente de todas. Mas se essa afirmação obedece a lógica, é lógico que todas um dia, serão «aquelas» diferente das iguais e que nenhuma será inclusa no grupo das patéticas da nossa lista, mas se não é por aí, então é sem lógica essa afirmação, não merece ser levada a sério. O exercício de educar, ensinar está em todos nós, não apenas nos encarregados delas, então as eduquemos, elas é que são nossas «rainhas», a imagem que embeleza qualquer artefato perto dela, mesmo que esse artefato seja orgânico e racional, elas são nossas rainhas sem coroas e que devem ser coroadas, sempre e sempre.

Dedico a todas as Rainhas, em particular a D.

Deduções

Hoje já não há muitos segredos sobre a vida pessoal. Enquanto em tempos atrás na história humana, eram pessoais os motivos de separação entre casais, pecados carnais, entre outros. Hoje com a globalização tudo ficou explícito, já não há segredos e nem há privacidade, (nos foi dito que para estarmos seguros, devemos ter uma vida menos privada). O pior de tudo é que as pessoas o sabem e gostam. As pessoas se tornaram mais «plásticas», vazias e falsas, desonestas, enfim. Os namoros hoje por exemplo, são chamados de «relações», o casamento de «compromisso», o amor de «gosto», a paixão de «amor» e os amigos de «conhecidos». As mulheres se libertaram das correntes da arrogância machista do homem que defendia que as mulheres nunca deviam tomar atitude de abordar um homem por mais que ela gostasse dele. Mas se deram mal, porque o machista usa outra tática arrogante que diz que «mulher que aborda homem, é fácil demais», então as mulheres ficam desiludidas, menos sensíveis e deprimidas, não querem parecer fáceis pois, fáceis são as meretrizes. Os homens continuam a comportar-se como «homens de aço», que não podem chorar em público, ou mesmo em frente de uma mulher, que não podem falhar na profissão, na academia, na vida social. O homem deve ser ele quem sai de casa para trabalhar e sustentar os filhos e a esposa, enquanto a mulher fica em casa a lavar pratos e roupa, varrer o chão, limpar pó das mobílias, cozinhar, regar jardim, idem, apesar de algumas terem até direito a uma empregada doméstica para ajudar. Assim caminha a nossa sociedade, moldada pelos costumes da religião do deus branco.

Os jovens para além de serem viciados em videogames redes antissociais, maquiagem, e outras coisas idiotas, são também fanáticos em moda, principalmente a «mulher-menina» que até usa na sua cabeça cabelos plásticos, por vezes até cabelos de outras

mulheres. Os mesmos jovens, eles são «seguidistas» da moda porque querem ser vistos, eles sentem a necessidade da atenção do outro para sua firmação, como não querem ser chamados de estranhos, excêntricos e introvertidos, seguem a roda da moda sem revidar. Se um ídolo deles usa roupas rasgadas, eles usam, até já vejo homens que usam bolsas na rua, sabe-se lá o que carregam nela, talvez uma garrafa de licor, ou uma chave francesa, pouco importa-me neste momento.

A tecnologia evoluiu, talvez estamos na época da terceira grande revolução, a «revolução tecnológica», mas isso são minhas deduções. Automóveis mais velozes, internet mais rápida, televisão com mais canais, redes de telefonia móvel com mais promoções de internet, estamos mesmo numa era privilegiada ao que parece a mente desatenta. Mas não é só aparência, porque a velha lei da física diz que «cada acção tem uma reacção», e a reacção que estamos a ter é que as relações humanas estão a beira do abandono. Quanto mais as «redes antissociais» aproximam as pessoas mais distantes elas se encontram, até parece um paradoxo mas é a verdade. São muitas pessoas que oiço a dizerem que não gostam de falar ao celular e optam por mandar um «texto» pelo celular, outras ficam o fim-de-semana todo deitado de costas na cama, com o carregador ligado ao celular para teclar por tempo prolongado sem hora definida para «desconectar-se» da rede. As «redes antissociais» são na verdade um «espaço» digital onde as pessoas em qualquer lugar que estejam podem se encontrar sem percorrer um metro, e isso torna as pessoas mais sedentárias, e levanta-se a questão da saúde mental e física que rapidamente são afectadas negativamente. Por esta razão que não chamo de rede social, que seja «rede antissocial». Até é engraçada a dedução que faço: «todos usamos maquiagem». Sim, e justifico o porquê, depois de levantar algumas evidências anteriormente descritas.

Se não gostas de falar ao celular é porque não tens possibilidade de apagar as palavras erradas que pronuncias, e não queres

cometer falhas porque achas que deves ser «perfeito», não podes cometer erros para não verem-te como um «estúpido», ou o mais temido dos adjectivos, «burro». Ciente disso, usas a mensagem electrónica para escrever como queres, sem falhas na ortografia porque tens o «corretor automático» e acima de tudo, tens muito tempo para pensar naquilo que podes escrever e como queres que a pessoa do outro lado do ecrã perceba, estamos na verdade a maquiar aquilo que realmente somos para passar a imagem que gostaríamos de ser ou que melhor agrada a pessoa com a qual «batemos a tecla».

Há tantos jovens que estão nas redes a procura de namoros, passageiros ou não, mas há esses, até aqui no facebook tem a opção que escolhes se estás interessado em mulheres ou homens, assim facilita-te aparecem muitos contactos do gênero que você procura, e o facebook até pergunta se «conheces o fulano, o beltrano...". Enfim, cada um sabe o que faz e o motivo de criar uma conta, mas por de trás dessas investidas há muita falsidade. Se adicionas alguém é porque visitaste o perfil ou achaste que sim este alguém dá para mim, e começas a revirar todo o perfil recolhendo mais informação acerca da pessoa para facilitar na conversa. E quando começam a trocar mensagens, os espertos se aproveitam para vestir a máscara que a outra pessoa procura, aquele ser dos sonhos ou dos pensamentos. E isso é possível porque não há como perceberes se a pessoa diz ou não a verdade, é tudo fachada acordem, uma pessoa que procura relacionamentos sérios geralmente não anda nas redes para isso. Depois quando começam a se relacionar a sério a máscara cai e chega a velha decepção que se converte em depressão. Usamos tanto aqueles bonequinhos com caras sorridentes, mesmo sem estarmos realmente a sorrir, santa ignorância.

Findando a verborreia: Gostaria de comentar de outro assunto que trás muitos problemas, por vezes até não é realmente um

problema, mas um equívoco, só que a «sociedade alienada» dos «seguidistas» faz parecer um problema; a Solidão. As pessoas estão aí em frente aos aparelhos electrónicos, horas afio e quando a energia ou os dados móveis acabam, começam a achar que estão solitários, que têm poucos amigos, entre outros motivos absurdos que criamos na mente para alimentar essa paranoia. Porque cresceu vendo filmes onde jovens da idade dele se divertem na escola, faculdade, bares, praias, idem, e ele mentaliza que aquilo sim é conviver com os amigos em sociedade. Uma pessoa deve aprender a ficar sozinho, as vezes é necessário para arrumar as ideias, pensar na sua situação e descansar das influências de outras pessoas e começar a ver o mundo com os seus próprios olhos. Na verdade se olharmos bem para a sociedade em geral, podemos ver que somos todos solitários e que estamos a interagir. Não é a quantidade de amizades na rede ou no bairro que justificam o nosso estado de espírito. Só nós sabemos como nos sentimos, como realmente estamos, podemos andar todos juntos, partilhar os mesmos lugares, bebermos a mesma bebida no mesmo copo até, mas se não deixarmos cair nossas máscaras, não se mostrarmos quem realmente somos para o mundo, vamos continuar a viver em solidão, mesmo acompanhados com mil milhões de amigos, e na verdade não precisamos de tantos assim, alguns que cabem contando com os nossos dedos da mão já bastam.

Metas e sonhos

— Olá amiga. Como vai a vida?
— De mal a pior amiga, do seu lado?
— Vai bem graças a deus. Por que de mal a pior?
— Nada anda, desde estou a procurar emprego, mas nada.
— É natural amiga, com todo mundo é assim mesmo, fazer mais como?
— Mas esse governo dele nem ajuda sabes, só nos roubam.
— Cuidado com a língua, eles estão em toda parte, mas eles também têm seus problemas não põe a culpa neles.
— Pôr em que então? Na minha família que nem me apoiam em nada. Estou sem opções.
— Não fala assim, tu só reclamas e pões em culpa em que te apetece...
— Mas tu também devias apoiar-m e não se opor a mim...
— E também não posso opor-me aos que pões a culpa, eles também tem seus problemas querida. Só quando começares a admitir que a culpa pode ser sua é que vais procurar meios de superar e não o contrário percebes?
— Como assim? Você com essas tuas filosofias que só complicam.
— Nada a ver. A culpa é algo que todos têm e cada um dá a quem quiser mesmo sem o consentimento dela. Por que não admitir e procurar soluções ao invés de culpados?
— Fácil falar para alguém que tem tudo.
— Assim me ofendo, como se eu tivesse nascido num berço de ouro, as pessoas fazem pouco de mim…
— Desculpa amiga, mas preciso de conselhos.
— Não sou anciã mas posso tentar ajudar-te nisso. Falava eu da culpa, não podes culpar a ninguém a vida é sua, lute por ela.
— Mas estou sem forças.

— Mentira, estás a usar todas forças de uma única vez e onde não devias. Preocupe-se em começar por traçar um bom plano porque, quem erra no planeamento, está a planejar um erro.
— Wau amiga, isso é lindo, mas essa coisa de planos farei depois de conseguir um emprego estável e...
— Pare por aí mesmo. Emprego fará parte do plano, não podes condicionar o seu plano para quando tiveres emprego, pense naquilo que realmente queres, já agora o que é que realmente queres?
— Um emprego estável por enquanto, para eu sair desse buraco, como eu disse.
— Depois de teres?
— Universidade quem sabe.
— Então, esse é seu plano?
— Sim, por que dizes «esse»?
— Bom, na verdade isso é uma visão a curto prazo.
— Porquê?
— Porque estás indecisa, porque esse emprego que queres é por um tempinho, como dizes, para ajudar-te a sair do buraco, e porque em suma, isso é uma visão com um prazo indefinido. Deves traçar planos a longo prazo e grandes.
— Mas é isso, só farei em partes.
— Errado, não se planifica um plano em partes, apenas executamos em partes. Traçamos todas as metas...
— O que seriam metas nesse caso?
— Tens sonhos?
— Ultimamente só pesadelos.
— Estou a falar a sério.
— Tenho sim, mas o que isso tem a ver com metas?
— Tudo, uma meta e um sonho são quase a mesma coisa, a diferença é simples. Sonho é só sonho, uma ideia, uma utopia se preferires chamar assim, mas um sonho só se torna meta quando você põe prazo nele, uma data.
— Do tipo…?

— Isso mesmo que estás a pensar, uma data, um prazo, vou ilustrar: imagina que meu sonho é ser casada no futuro com um homem inteligente que me ama certo?
— Sim estou a acompanhar.
— Então, isso é sonho de todas mulheres, generalizando, mas nem sempre acontece e sabes o porquê?
— Por falta de um prazo certo?
— Isso mesmo, estás a perceber bem, enquanto...
— Mas o que meta tem a ver com «acontecer» e «não acontecer»?
— Tudo querida, tudo. Se tens um prazo, terás um motivo para começar a lutar e esse prazo irá ajudar-te a não deixar para depois o que podes fazer já. Esse prazo irá ser o alicerce para despertar a força de vontade de fazer algo.
— Percebo, queres dizer que se eu só ficar ai no sonho sem um prazo, nunca vou querer lutar a sério por isso e até posso a vir correr o risco de abandonar por falta de objectivos claros?
— Exacto amiga, estás a perceber direitinho. As coisas não acontecem, tu quem fazes acontecer.
— Mas o porquê disso acontecer? Por que é necessário uma data fixa para as coisas acontecerem?
— Bom, do pouco que sei, é que o cérebro funciona de forma cibernética. Como se fosse um computador, que só responde a um comando inserido nele, caso não, fica assim parado.
— Obrigada pela ajuda amiga, vou pensar seriamente nisso. Mas e depois de traçar essas metas, como prosseguir, como... como...
— Como tornar realidade?
— Sim isso mesmo.
— Basta começar a fazer o que deve ser feito sempre que for possível. Tens que viver a base do seu plano, se envolver no seu plano, se entregar por completo. Não se preocupe com o que os outros vem a pensar de si, todos tem esse direito de pensar, mas você é o que é e não o que os outros pensam.

— Bom, agradeço mesmo de coração, mas voltando a realidade que me deixa deprimida, como e onde arranjar emprego?

Dia dos Pais

Não sabia que hoje era dia dos Pais, nunca me interessou esta data, mas aí vou eu.

Felicidades aos Pais nesta data, a todos Pais que tiverem a coragem de assumir pelos seus actos, assumiram namorada, noiva e esposa. Felicidades aos Pais que acima de tudo, nunca abandonaram suas sementes, tiveram a audácia de assumir seus filhos e nunca os abandonar a boleia do vento. Felicidades aos Pais que sempre quiseram o bem para os seus filhos, apesar desses não reconhecerem. Felicidades ao Pai que bateu o seu filho, bateu com as suas palmas cobertas de calos, bateu para educar, bateu por raiva do seu filho ser imperfeito porque pela sua imperfeição juvenil, sempre pensou que poderia fazer do filho um ser perfeito, mas isso é utopia. Felicidades ao Pai que educa o filho da melhor maneira possível, dando tudo que ele nunca teve, e ao mesmo tempo não dando nada que prejudica a oportunidade do filho procurar por si mesmo. Para ultimar, felicitar os melhores Pais do mundo, que habitam num corpo simbiose sendo mulher e homem, aqueles Pais que também são Mães e aquelas Mães que também são Pais. Um Forte abraço a todos vocês que nos deram as bases para viver da melhor forma neste mundo.

Confronto

Dias como esses em que fico sentado nesta cadeira plástica, cercado de quatro planos verticais espessos, manchados de trechos de «palavras feitas» de pensadores que nem se quer estão identificados nelas, apenas eu sei em decore de alguns, outros sei no esquecimento. A ouvir música sinfónica, sem voz, apenas escutar a harmonia matemática dos sons produzidos por estes maravilhosos instrumentos de expressão artística, só mesmo o Pai de cada uma destas maravilhosas obras sónicas é que pode descrever o sentimento que o conduziu a combinar cada nota. Nesta meu «retiro» que chamo eu, e outros de «escritório», pelo simples facto de não verem colchão para concluírem que pode ser afinal um quarto. Sentado defronte do computador, ao meu lado esquerdo um vão de duas folhas de abrir para dentro desvidraçadas, a primeira substituída por uma lâmina de madeira sintética, e a outra deixada descoberta, por onde penetra a brisa que em noites geladas como esta não é bem-vinda. Sentado aqui, de costas para a porta, onde pouco consigo ouvir se alguém bate nela, devido ao som que sai destes dois autofalantes, um em baixo da mesa que estão estes teclados que com eles escrevo, e outro menor que tira a voz e o «stereo», do lado direito, por cima da primeira prateleira, contando de baixo para cima, desta estante improvisada com quatro blocos de construção e duas pranchas de madeira compensada, postas horizontalmente. Eu sentado aqui, mais uma sexta-feira, sem plano, sem nenhum convite para um social ou uma simples e superficial conversa com um amigo, sem planos com a namorada inexistente e sem nenhuma alegria, sem nada, apenas com uma coisa; a certeza de que estou sozinho na solidão.

Eu já não aguento mais isso, ficar aqui sem nada para fazer, ver o tempo a passar, o passado a se afastar, o presente a correr e o

futuro aproximar, e eu imóvel como um passageiro, sinto que estou a me aproximar da velhice, sou um idoso precoce. Só eles que tem uma rotina assim mas, melhor que a minha, porque eles sim estão no momento de consumir aquilo que produziram quando tinham a minha idade, diferente deles porque têm netos que estão prontos a ouvir mais um episódio de sua vida passada, verdadeiro ou falso, quem se importa. Eles ficam sem nada a fazer porque a carne já é fraca, e é a altura deles começarem a ensaiar como descansar antes que se aproxime o dia do profundo e eterno descanso.

Eu e Mim, antes mesmo de abrirmos este «word» para escrever o que sentíamos, tínhamos em mente boas ideias e certeza daquilo que íamos escrever, mas depois de Eu ter começado a escrever, tudo tomou um rumo diferente, e se eu parar de escrever decerto que volto a essas ideias, melhor deixar de uma vez por todas porque na mesma ninguém irá ler, poucos aliás.

Pensou meu Eu: «Ninguém sentirá minha falta quando eu desaparecer fisicamente». Isso me deixou triste porque a maioria das pessoas com as quais tenho uma ligação, só me procuram quando querem algo, e Eu leva muito a peito esse aspecto, porque são muitas mesmo.

Ainda não me recordo de um dia em que recebi um convite de um amigo para conversar ou trocar ideias. E se um dia isso aconteceu, foi porque essa pessoa estava realmente a sentir-se sozinha, como Eu, e olhou para os seus amigos no pensamento e disse; quem melhor que o solitário para me fazer companhia. E é assim que somos solicitados, o Eu e o Mim. O engraçado é que o Eu fica e o Mim vai, na alegria estampada na cara; afinal de contas alguém se lembra dele. Mas, para a sua surpresa, a pessoa depois começa a despejar problemas dela no Mim, como se seus ouvidos fossem orifícios por onde entra lixo e está escrito na sua testa; mete pelos ouvidos.

Eu, só começa a abanar a cabeça e aceitar tudo, como bom ouvinte que é e mergulha nos meus pensamentos interrogativos; será que há alguém que pode querer estar comigo, pelo simples facto de apreciar a minha companhia? Alguém que queira desenvolver um diálogo com Eu e Mim, e não ela estar em um monólogo e Eu acenado com a cabeça um sim inaudível? Mundo pequeno para pensamentos grandes, mundo grande para ideias pequenas, mundo cruel para mentes diferentes é o que acho, o mundo é cruel para Mim e para o Eu, a vida não é fácil para ninguém, viver é um exercício que Eu não consegue ver nenhum sentido no final disto tudo.

Quando Eu encontra-se sozinho, fica preocupado e o Mim, feliz. Preocupado porque a sanidade pode estar em risco de conhecer a morte cedo, e feliz porque Mim acredita no que lê, porque leu muitos artigos de internet que defendiam; os génios precisam ficar sozinhos, solitários. Bastou e acreditou. Bom isso pode ou não ser consolador, porque se os génios precisam ficar solitários, o mesmo não significa que os solitários sejam génios, pode ter sido a falta na reflexão do Mim sobre esta parábola. Então o Mim possivelmente caiu na armadilha da auto-elevação e saiu espalhando aos quatro ventos que é um génio.

Eu, manda uma mensagem electrónica para um contacto, uma saudação inocente para um internauta, enquanto o Mim sai a rua e senta ao lado de um dos seus amigos da zona e começa a ouvir as suas conversas, na espectativa de sair de lá enquanto conversou, esperando alguém tomar a atitude de o fazer perguntas do seu entendimento, que ficaria feliz em responder, mas nada. Tenho conhecidos que nem são muito amigos, talvez por termos interagido por algumas horas e eu ter ficado com os seus contactos, por isso os considero amigos, e esses conhecidos-amigos, as vezes eu na minha inocência ingênua, mando uma mensagem para saudar e saber como tem passado, e uns retribuem com o mesmo acto, mas sem se mostrar muito aberto para com este desconhecido

Eu, que pelos vistos está interessado em alguma coisa até chegar ao ponto de se preocupar em saudar, e pensam elas; quem de sã consciência saúda-me com tanta sutileza nos dias de hoje? Outros ainda, nem se dão a massada de revidar, apenas continuam naquele silêncio, nas suas zonas de conforto, e se Mim abaixa a cabeça, o Eu levanta com os nervos a flôr da pele, naquele mesmo instante, puxa o celular do bolso, entra nos contactos e apaga o contacto, rapidamente sai e entra nas mensagens e remove toda a conversa trocada, e o mim na tentativa de segurar as lágrimas teimosas que existem em sair, cai de joelhos e se vê ainda mais mergulhado em sua solidão e solitário.

Fui consumido ao extremo que cheguei ao ponto de comprar auriculares para fazerem-me companhia quando vou passear, vou a praia nos dias de frio a pé, para olhar o horizonte e ouvir o som das águas a serem empurradas pelos ventos, produzindo ondas; vou a praia e pela margem tangente ao limite incerto das águas salinas, começo a caminhar, apreciar a harmonia na interação entre os diferentes elementos da natureza e percebo que nenhum desses elementos existe de forma isolada, todos são necessários para poderem demostrar a sua grandiosidade, a sua beleza. Até a natureza não está sozinha, e apenas eu, eu da espécie humana a tal dita «racional», é que choramingo todos os dias por estar sozinho enquanto tenho capacidade de usar a minha mente racional para fazer amizades. Talvez seja esse meu problema, pensar demais. A amizade pode ser espontânea e, os relacionamentos amorosos mais simples se não fosse pelo receio do Mim, de fazer aproximação por causa do Eu que o ilude com milhares de especulações do que pode dar errado, e é nestes dias que depois dá vontade de ser uma pessoa igual a tantas outras, foi num dia desses que eu acabei escrevendo que «…ser igual é chato, ser diferente é duro…», é um ciclo vicioso que eu ainda não sei qual sentido seguir. Mas por que o Eu e o Mim, sentem necessidade de escolher o sentido do ciclo? Não é mais fácil Eu se encontrar, viver a vida com o Mim sem rótulos e esperar que a sociedade aceite? Não, acho que não, a

nossa sociedade não está preparada para mudanças, tudo que é novo é mau, tudo que é mau não presta e tudo que não presta deve ser descartado, por mais que seja humano.

A solidão não faz de mim um génio, se um génio precisa de companhia e não tem, então por qual razão choraminga da sua solidão, por que não usa sua genialidade para fazer aproximação? Mas se um gênio precisa de companhia e não consegue, então não o devemos chamar génio, seria um insulto aos reais génios.

O homem, sente-se mais a vontade quando descobre que não acontece só com ele, por isso fica mais sossegado, aliviado, ora isso prova um conceito muito básico que tenho pensado, que consiste no seguinte; se a solidão atingiu extremos agravantes hoje em dia, a ponto de desencadear a depressão, será que há oito mil anos atrás as pessoas tinham o luxo de dizer que estão deprimidas? Talvez não, porque ainda não havia sido listada como um transtorno ou doença naquela época, então era normal, ninguém se preocupava e tocavam com a vida para frente e a depressão se afastava com promessa de que um dia poderia ser reconhecida e temida, e esse dia minha amiga depressão, chegou, parabéns, conseguiste provar que apesar de sermos tão racionais somos tão frágeis também, não basta sermos derrubados por uma bactéria, se dividirmos em grupos e desencadearmos guerras na busca pela paz, cegados pelos deuses e religiões supersticiosas, não bastam essas coisas, ainda vens tu mostrar a nossa ingenuidade.

Vergonha dos meus

[Homem]: Eu homem, fui esculpido por um ser supremo, depois me foi atribuída a capacidade de poder respirar através do sopro. O pó que compõe o relevo é matéria-prima usada para construir esta Pessoa. Depois dos mares e rios, da atmosfera e da gravidade, da luz, do ar puro que respiro, e depois de todos os animais, eu homem, fui criado e me foi atribuída a autoridade de explorar a terra e tudo que nela habita, eu sou um ser supremo na terra, tenho o poder de decidir quando e como um animal doméstico morre, sou quem diz se o mamífero de quatro patas com uma cauda é Cão, é Lobo ou Gato, ou até Cavalo. Eu homem, fui o primeiro das últimas criações, depois veio a mulher para me fazer companhia e aturar as minhas manias. Ela, criada a partir da minha costela depois que o criador, como que com um toque de magia me fez dormir profundamente e tirou uma da minha estrutura óssea e a fez, não do pó, mas da costela, minha costela.

Não sou quem fica em casa a cuidar dos fedelhos, cuido do rebanho e cultivo a terra, não sou quem sente a dor do parto, suporto a radiação solar na labuta diária para dar alimento e protecção a minha família. Não sou eu quem limpa a casa, nem a loiça, já basta a comida que trago a casa e a imundície que limpo do meu prórpio corpo. Sou homem com autoridade sobre os meus filhos, eles devem temer e depois me respeitarem, tenho poder sobre a minha mulher, ela deve obedecer-me sem nunca se quer retorquir, e se por acaso levantar a voz contra mim em qualquer circunstância que seja, eu levanta a mão pois concedi-me o direito de a agredir verbalmente e fisicamente para lhe pôr em seu devido lugar e ela saber que quem manda sou eu e ela apenas procede a obedecer. Eu sou o homem...,

[Narrador]: Desculpa a intromissão ó homem, sei que tens boas intenções mas estamos fartos dessa sua verborreia e da sua

arrogância, falas de si no início da criação, falemos do homem do hoje porque o da sua época ficou onde começou, sei o que és hoje, e passo já a descrever-te de maneira mais sintetizada possível.

Tu és o único ser que acredita ter sido criado por outro supremo todo-poderoso, que toda a criação é inferior a si, e pior, achas que foste criado separada dela. És um ser bruto que acha que a mulher foi feita para servir a si, santa ignorância a sua, és igual a toda a criação e a única coisa de especial que tens é a capacidade de raciocinar e mais nada, o facto de tu homem teres essa capacidade, não implica que és superior a nenhum outro ser vivo. É tanta coisa que tenho para dizer de si que até saía um livro com umas centenas de páginas mas não iremos por aí, vou aqui ultimar falando de um aspecto que me tem atormentado esses dias, é sobre as mulheres, vou até fazer em contar uma história que se repete como um loop, na voz de um jovem...

[Jovem]: Sou jovem, com desejos carnais e desejo em ter uma companheira para não se sentir só, sou fraco, sem personalidade definida, não aguento mais esta solidão, são tantas as mulheres que existem, queria todas que eu puder levar a cama, mas não me vai resolver o problema real, quero alguém que acorde do outro lado da cabeceira comigo na cama. Mas o que eu quero, é muita coisa, não posso encontrar numa única mulher, eu quero uma mulher que saiba cozinhar e que cuide bem da casa, uma mulher exemplar que obedece todas as minhas ordens sem revidar, mas também quero uma mulher que na rua quer ser tratada como rainha e entre as quatro paredes, como uma puta, isso sim seria uma mulher de louvar. E se eu encontrasse também..., hum vejamos..., uma mulher que me ama de todo seu coração e que nunca teria a coragem de me trair, nem que eu a maltratasse. São muitos desejos para um só dia, eu na verdade quero sexo e companhia, uma espécie de «mulher-Mãe» e «mulher-puta», essas duas opções poderiam suprir com boa parte das minhas necessidades biológicas. Posso começar por me envolver

casualmente com muitas mulheres e descobrir as minhas duas pretendidas, depois de eu conseguir primeiro a «mulher-Mãe», vou assumir compromisso com ela para não me deixar facilmente e depois vou atrás da «mulher-puta», ou melhor, das «mulheres-putas», aquelas que só querem saber de sexo sem compromisso, essas são as mais fáceis de se ter, estão por aí a busca de dinheiro fácil para caprichos mundanos, então pelos vistos terei de arranjar dinheiro para atraí-las a mim, hum, grande dilema este, mas pelo que tenho observado será mais fácil se eu correr atrás das mais novas que na verdade ainda não precisam de muito dinheiro, basta eu ter um carro e dar uma mesnada razoável, terei suas vaginas quando me apetecer, mesmo sem protecção, essas miúdas são burras.

[Narrador]: Esta história de um jovem (em idade adulta)em monólogo, é o que acontece no seu subconsciente e é na verdade uma espécie de prolepse do que o futuro espera. Começam cedo a namorar, porque outros namoram, então não querem ficar atrás, andam a busca de sexo dia e noite, ultimamente é mais nas noites, com as redes antissocias que estão a ser culpadas no fim do dia, que na verdade elas nem são as culpadas, e sim os usuários que usam para fins pouco nobres. Os jovens nem conseguem diferenciar o amor, paixão e o gosto, são prematuros, acham que isso não precisa de ciência, que eles nascem sabendo e qualquer manifestação inexplicável que ocorrer na interação com o sexo oposto, acreditam logo que é amor, e pergunto-me; como pode o amor vir antes da paixão? Não encontro respostas que procuro. Qualquer amizade de sexo oposto não dura muito porque um gosta da companhia do outro e acha que está apaixonado e então diz, mas a outra parte por não se iludir do mesmo não corresponde, e a amizade acaba assim mesmo. As emoções humanas hoje são mais faladas do que sentidas e expressadas, dizer; eu te amo, é muito emocionante para quem ouve, mas e depois, se amas a pessoa o que queres que ela faça, que o ame

também, isso não deve ser assim, deves praticar o amor, e essa pessoa vai corresponder ao seu amor, não peça o amor dela.

Existem jovens, certinhos (aos seus olhos), que assumem compromisso, se apresentam a família da moça e tudo mais, depois de casados por um tempo, eles começam a se cansar um do outro. Bom isso é natural, se um dia o amor começou era de se esperar que acabaria, tudo que inica, acaba, isso é facto inegável, por mais que os veículos de informação enfatizem muito de que o amor é para sempre, a felicidade é eterna, isso não corresponde a verdade, olha os seus Pais para crer, acreditas que eles são como eram quando se conheceram? O amor entre um casal murcha ao andar do tempo, e como já cultivaram as raízes com o tempo, como filhos e netos, não podem se separar assim de repente, as pessoas que os conhecem como os vão ver? Como fracassados talvez, então a solução que o casal encontra é bem simples: se não se amamos mais, que isso termine entre nós, vamos continuar a sorrir para as pessoas como um casal, mas na nossa casa, voltemos a amarrar as rugas um para o outro. Estupidez, esta é a atitude daquele homem que se idolatrava no princípio deste texto? Que vergonha, depois como ele se acha superior, ele é quem sai para trabalhar e volta a hora que bem entender, sai do serviço e vai atrás da «mulher-puta» uma vez que já tem a «mulher-Mãe» em casa para cuidar de si com prontidão. O facto de trair sua mulher, já é motivo de a chamar de velha caduca, feia, entre outros adjectivos que humilham aquela que um dia jurou amar e cuidar, hoje é tratada de forma indiferente, como uma intrusa em sua casa, e os filhos também são afectados, se tentarem revidar e defender a sua Mãe, eles são espancados e a culpada é a pobre inocente Mãe segundo ele, porque não educou as crianças como deve ser. E onde estavas tu ó Pai, onde estavas tu para educar seus filhos quando precisavam? Estavas com os amigos no bar a reclamar do casamento, ou com a «mulher-puta» a furar seu bolso? Os seus filhos não precisam de um senhor que os dê de comer e beber somente, precisam de uma figura paterna presente em suas vidas, e a sua mulher não precisa

de dinheiro todas manhãs para cozinhar o caril, ela não quer ser tratada como doméstica. O facto do amor não estar tão forte como no princípio da relação, não é motivo para se afastarem um do outro, sabes bem que duas cordas resistem melhor a tracção se elas se juntarem e se tornarem uma única, cultive a amizade com sua esposa, ela não é uma máquina de sexo que tem garantia perpétua, nem uma doméstica eficiente que cuida de si. Ela é bonita, o tempo apenas esculpiu rugas na face, sua beleza ficou camuflada, ficou por dentro do peito, cultive a amizade porque ela é a única que resiste mesmo depois que o amor parece que está ausente, a amizade sobrevive a tudo e ela irá acender o amor novamente, pense nisso.

O texto é direccionado aos homens, mas eu dedico a todas Rainhas sem coroa, em especial as que tiveram a paciência de o ler. Este texto me foi inspirado a escrever por uma delas, que foi a primeira a ler, uma que tem influenciando a minha escrita,

D. forte abraço.

Flôr

Há mais de 20 anos atrás, uma mulher com seus 19 anos de idade, deu parto a um menino. Essa mulher, antes mesmo de dar parto, falou com o dito namorado dela que estava grávida, mas este não aceitou que o rebento fosse dele, como se ela andasse com mais homems. Todos vizinhos e amigos próximos deles que acompanharam seu relacionamento, confirmam que este menino é dele, mas ele insistiu em negar. Passado algum tempo, depois do parto, esta mulher juntamente com seus tios, que seriam os avôs deste menino, vão a casa deste homem que não assumiu seu filho, pela última vez para esclarecer o assunto e saber se ele realmente assume ou não a sua paternidade, mas este nega e recebe muito mal os avôs do menino, com uma arrogância e falta de respeito típica de um mulato naquela idade. Consciente de que seu filho iria crescer sem o Pai, a mulher cria ele sozinho com muito sacrifício e apoio dos seus familiares próximos que dividdiam o mesmo tecto. Anos passam, o menino cresce e começa a sair de casa para brincar e fazer amizades como qualquer fedelho faz, e como não foi novidade para ele, naquela época antes mesmo de ele sair para conhecer o mundo, ele brincava com quem quer que fosse, independentemente do sexo, e tudo era natural, até sua avó o dava banho ao mesmo tempo com sua tia, de diferença de uns 7 a 8 anos de idade. Mas quando ele sai para o mundo, passa a notar um certo padrão nos laços de amizade, onde os meninos brincam mais com os meninos e as meninas brincam mais com as meninas, aí ele espanta-se. Uma vez que foi criado por uma mulher, educado por uma mulher e ainda tomava banho com uma mulher, e depois quando sai para a rua é isto que vê, o oposto, onde ele deve passar a brincar com estranhos do seu sexo, o mesmo sexo que o trouxe a terra e o abandonou logo a seguir, mas pronto, assim ele cresceu no meio de outros meninos. Passado alguns anos, no início já da puberdade, onde a voz passa a engrossar, os pêlos a crescerem, e

os hormônios exorbitantes a subirem ao cérebro, dá-se o início da atracção física pelo sexo oposto, o mesmo que o criou e amou. Todos seus amigos vão a dita «caça», começam a se aproximar das mulheres com objectivo de experimentar o gosto dos lábios delas, a sensação do tocar e o mais pretendido, o sexo. Como era de se esperar, o menino achou essa atitude meio repugnante e isso deve-se ao histórico dele, onde em sua vida, a mulher é tida como um anjo, uma flôr, e tudo aquilo que é precioso, sensível e delicado e especial. Ele não via a mulher como os outros viam, ele não as via como um objecto de satisfação que só é procurada para aliviar a pressão dos homens que carregam no meio das calças, e com isso, o menino passou a sofrer muita pressão dos seus amigos sendo seduzido para se juntar a «alcateia» e «caçar as mulheres nas noitadas», principalmente. Mas ele não cedeu, recuou e se apartou daquela realidade de mundo por um tempo para arrumar os seus pensamentos.

Passou a procurar novos tipos de amizades quando começou a estudar na Escola Secundária, ao mesmo tempo que observava de longe as mulheres, sem nenhum contacto físico, apenas visual. No seu segundo ano na Secundária começou a conhecer as mulheres já de perto, na sua sala, visto que calhou numa turma em que elas eram quase a metade isso por um simples motivo que explico já. Na escola em que ele estava, a sequência das turmas era organizada em idades, os mais novos nas primeiras salas e os mais velhos nas últimas, e o menino como nunca havia reprovado pois a sua Mãe não lhe deixava sair para brincar a toda hora pois devia estudar antes de sair, ele estava numa dessas primeiras salas onde as mulheres eram muitas por um motivo simples que muitos e muitas negam; as mulheres sempre foram mais inteligentes e organizadas que os homens. Nesta turma, o menino sentava com uma mulher que ele havia conhecido assim de vista no ano anterior e foi a partir dessa mulher que passou a fazer amizade com outras mulheres, inclusive com ela. Este ano foi muito importante pois ele se apaixonou pela primeira vez na vida mas, não tinha experiência

alguma com aquilo e o seu medo superava a sua vontade de se expressar, por isso ele se manteve calado sentindo tudo dentro de si. No ano anterior o menino passou para outra classe e mudou de turma, e a mulher que ele se apaixonará, reprovou ou passou para uma turma diferente, poucos dados tenho sobre este pormenor. Cinco anos depois eles se reencontram, quando o menino já estava na universidade a estudar o seu curso dos sonhos, enquanto ela estava a ter explicação e a fazer um pequeno curso para passar o tempo, Recursos Humanos e depois Informática. Antes mesmo de saber os pormenores da vida da sua ex-colega, o coração do menino se alegrou depois de tanto tempo sem se avistarem, e só pararam para conversaram por uns minutos e depois se despediram e antes disso, trocaram-se contactos. Dias depois eles se reencontram no mesmo caminho, em que ela usava para se dirigir a paragem, saindo da explicação (ou curso) e o menino usava o mesmo caminho para ir a casa, voltando da faculdade. Haviam combinado alguma coisa no último encontro e ele a cobrou, ela logo se justificou e o menino aceitou a justificação enquanto ele já dava o prometido, era sobre o preço de explicação que ela queria pois não gostava de onde estava porque era uma turma de várias pessoas, e ela queria outro explicador particular com atenção só para ela. O menino viu ali uma oportunidade para uma reaproximação com a mulher, para criar uma amizade mais sólida, mas foi além disso porque depois de quase um ano juntos a estudar, o menino passou a sentir novamente aquela atracção que tinha pela ex-colega, passou a sonhar acordado com ela, se imaginar com ela, e viajando no pensamento várias coisas. Ele tomou coragem e se declarou a ela, embora por um meio não muito recomendável, pela rede antissocial (a verde nesse caso) que até então o menino não usava e passou a usar por influência da sua amiga. O estranho nisso tudo era que, pessoalmente eles nunca conversavam sobre sentimentos amorosos nem nada, mas de noite e finais de semana, pela rede antissocial eles trocavam mensagens mais descontraídas, era como se o menino vestisse duas máscaras, ou apenas uma máscara e a outra personalidade fosse a real. Mas

a justificação mais convincente é que o menino queria manter o profissionalismo, não misturar os assuntos, uma vez que ela o procurou para se sentir mais confortável nas aulas e coisas do gênero. Ciente da resposta que esperava ansiosamente, depois de alguns dias, ela respondeu que não podia porque iria o magoar, e não estava preparada para mais nenhuma relação do momento. Foi o primeiro «não» que recebera de uma mulher, o menino já calculava que esta seria a resposta que iria obter visto que, eles eram muito opostos (me refiro mais no meio em que cada um cresceu), ela no leito cheio de tudo, e o menino em um leito sem paternidade apenas com o amor duplo de sua Mãe que também era Pai. Pode não parecer verdade mas o meio em que crescemos influencia muito os nossos padrões de vida e personalidade, e isso não é uma desculpa, mas é uma realidade que muitos negam principalmente quando se trata de amor, salvo alguns raros casos. Mas a justificação menos absurda que posso dar realmente é que eles não combinavam, ela não fazia seu tipo. O menino perdeu um amor, sim um amor porque ele se apaixonou e depois passou a amar, e foi graças a este amor que ele manteve contacto com ela, solidificando a amizade, porque quando tudo acaba a amizade sempre sem mantém lá. Este episódio foi a alavanca que desencadeio uma corrente forte e extensa de amizades femininas posteriores, foi a partir daí que o menino decidiu continuar a dar explicação porque era bom a explicar e também descobriu que quando dava explicação conhecia muita gente boa e inteligente, e era uma forma de se aproximar dessas pessoas e aprender com elas muito do que não conhecia. Depois de algum tempo, o menino foi conhecendo as mulheres através da explicação, e aprendeu a controlar seus impulsos para não estragar a amizade se apaixonando por suas alunas, já estava a ganhar maturidade emocional posso assim afirmar. Nessa jornada, conheceu uma mulher especial que até hoje faz parte das suas poucas amadas que quer carregar até ao túmulo, a D.

Poucos anos depois, é que conheci a si T. Não ocupas o lugar mais importante que as outras no meu coração porque seria injusto com as outras amigas minhas, digo isso por experiência própria porque quando conheci a D., achava que ela era a mais especial de todas e que ninguém mais seria tão especial como ela. Mas depois de eu te conhecer, eu reflecti e percebi que não posso em circunstância alguma comparar o amor, pois cada mulher é um universo a ser explorado, cada mulher é única. T., quando se conhecemos eu achei que serias apenas «mais uma» a dar explicação e não esperava grande coisa de si, mas isso foi no princípio porque demonstravas muita preguiça e pouca força de vontade, e com isso eu senti a obrigação de te ajudar a superar isso, através de motivação e te explicando da maneira mais simples e divertida, para que assimilasses melhor a matéria. Foi aí que comecei a ver resultados e a te conhecer mais, e percebi que esse nome de T., não foi em vão que te foi dado, porque é mesmo uma flôr que só de perto é que podemos nos saborear do seu aroma doce e admirar as suas pétalas sensíveis (que isto sirva de uma figura de estilo para não soar ridículo). Não estás acima da D., nem ela acima de si, mas eu acredito que nunca mais irei conhecer alguém com suas peculiaridades T., és mesmo angelical, e acredito que nenhum homem é suficientemente capaz de dizer tudo de bom que tens, porque os adjectivos até são insuficientes, teríamos que reinventar o léxico para arranjar mais palvras que pudessem expressar o belo, especial, extraordinário, incrível, e tudo que mereces ser dita por seres, não por aparentares. Com isso, venho dizer-te que realmente me conquistaste e sempre estiveste de braços abertos para me receber, aturando minhas manias e provocações, rindo as minhas piadas sem graça e aturando minhas reclamações, elogiando por respeito os meus escritos torturantes só para eu me sentir bem, e o mais importante de tudo, por me deixares ser quem sou e mesmo assim continuares a ser minha amiga. Se fosses um objecto de muito valor e dissessem para atribuir um preço, em um leilão, eu diria que não vales um tostão, uma moeda se quer, porque não existiria dinheiro algum que

pudesse comprar tudo que você tem e que podes proporcionar a alguém, por mais que te sequestrem e peçam dinheiro de resgate eu daria tudo que pedissem sem negociar porque por mais que seja muito o tal dinheiro, não podia representar nada da sua pessoa, e pôr um preço na sua cabeça é o mesmo que te reduzir a nada, porque T., acredita lá, você é muito mais angelical que humana, Ops desculpa a repetição. Me entristece quando passas por alguma dificuldade que te deixa triste, eu acho que você merece tudo só pelo simples facto de seres o que és, mas infelizmente isso não é possível na terra enquanto ainda for habitada por humanos como todos nós, é por isso que lamento, e faço de tudo para te proporcionar bem-estar e um sorriso sempre que precisares, até em momentos inoportunos como quando estás a chorar ou a padecer de uma dificuldade ou dor física mesmo. Obrigado por me deixares amar-te e, sem querer ser profeta eu afirmo que te vou amar para sempre, mesmo quando você me magoar por acidente ou propositalmente, fica a saber que ainda farás parte do meu pensamento todos os dias da minha vida como ainda fazes hoje que somos amigos. Quero muito que saibas que eu amo tudo em si, o seu andar devagar. O seu falar fininho com essa voz só tua mesmo. A sua preguiça as vezes me irrita mas depois começo a rir sozinho então também amo a sua preguiça só por isso. O seu rabo e seios que queres que sejam gordos, fica a saber que eu amo assim mesmo como são porque são perfeitos. A sua pele é magnífica mas tu reclamas, se calhar com alguma razão, pois a sua pele facial tem algumas manchas de borbulhas, mas a sua beleza reduz essas borbulhas e manchas a nada, és muito bela e tu bem o sabes T., só és humilde demais para repisar isso comigo. A sua massa, ora se achas gorda, ora se achas magra, mas no fim não importa porque a sua beleza é directamente proporcional a sua massa corporal, gorda ou magra tu sempre serás essa bebé bonita. Outra coisa muito bonita em si é a sua simplicidade, eu nunca imaginei que uma mulher que não usasse perfume ou maquiagem pudesse ser tão afrodisíaca e esplêndida, até conhecer a si, só mesmo tu para provares que estava errado. Eu podia passar a minha vida a te

descrever mas eu sei que não me irias permitir tal prazer porque isso me iria custar bastante tempo e provavelmente não estudaria, o que te deixaria irritada comigo, uma vez que você é como uma irmã para mim e se preocupa comigo mais que eu mesmo. E também seria perigoso eu escrever sobre ti durante toda minha vida, podia correr o risco de me apaixonar e estragar a nossa amizade, por findo aqui.

Feliz aniversário minha bebé, muitos anos de vida.

Despedida

Podes pensar que me conheces bem, eu até entendo, mas isso não é verdade lamento dizer-te. Tu só conheces de mim aquilo que eu permito que saibas, meus problemas e meu lado doce, o meu lado estúpido podes até ter noção de que existe mas não o conheces nem um pouco, nunca usei esta máscara para si. Se convivêssemos juntos diariamente poderias conhecer, e eu não me incomodo muito com isso de ser chamado de mau ou cínico ou estúpido, no final do dia sou pior que isso mesmo, sou frio, já não sinto quase nada de verdade, sem querer dramatizar. Eu quando mandei-te a mensagem a dizer que já não podemos mais se ver, não foi assim sem mais nem menos, foi fruto de muita reflexão que cheguei ao ponto de tomar essa decisão de uma vez por todas antes que isso tomasse um caminho mais doloroso para mim e constrangedor para si. Se conhecemos numa péssima altura da minha vida, mas depois começaste a proporcionar-me bem-estar com o seu jeito de ser, e isso foi importante para mim, mas depois de muito tempo aconteceu o inevitável que na verdade eu já desconfiava que um dia aconteceria porque não foi a primeira vez que aconteceu. Vou fazer-te entender através de algumas verdades:

Eu não poderia perder meu tempo a dar-te aulas sem ganhar algo em troca, porque eu me comprometi em dar essas lições para ganhar algumas moedas e custear minha faculdade visto que sofro uma crise financeira pessoal. Mas duas coisas me fizeram eu abrir essa excepção para si (como já fiz para algumas antes de si); uma é que você também não tinha como pagar aparentemente, e eu não podia pôr dinheiro em frente. A outra é que eu já vinha desenvolvendo um sentimento dentro de mim, me sentia atraído por si e sempre que eu estivesse consigo eu ficava meio que alegre, apesar de não notares muito porque eu não sou lá muito de sorrir e acho estúpido esse gesto, rir por qualquer coisa. Por eu gostar de

estar consigo, e tu não me teres dado espaço de aproximação como, eu visitar-te ou você visitar-me para conversar sem nenhum envolvimento com assuntos da escola, eu achei que dando-te lições estaria primeiramente a ajudar uma amiga que precisava de apoio e estaria eu também a alimentar o meu ego, de estar consigo. Mas depois de muito pensar abri os olhos, percebi que isso não duraria mais, e eu devia era afastar-me de si porque nunca haveríamos de ficar juntos, e ainda por cima tu és comprometida e eu não podia estragar sua felicidade, o que duvido que conseguiria. Não sou um tipo de conquistas e causar atracção das mulheres, sou mais um tipo indiferente que pouco se lixa com as mulheres se elas estão bonitas para chamar atenção a quem passa na rua, as vezes até ignoro olhares convidativos de mulheres ou propostas de algum envolvimento. Não faço isso porque quero ficar sozinho apenas, mas porque sou realista o suficiente para saber a prior que nunca poderia suportar as peculiaridades de uma mulher estando comigo, nunca iria agradar a longo prazo, o máximo que eu poderia dar a uma mulher são só críticas, livros de ciências e literatura e palavras que não seriam politicamente correctas mas sim frias e pesadas. Digo isso porque depois desses anos todos a conviver com as pessoas percebi que foi isso que eu tinha a dar depois de tanto ouvir reclamações até de meus familiares e amigos próximos. Mas com isso, não quer dizer que sou de pedra, tenho sentimentos sim como toda gente, sinto muita atracção por si e isso não me vou livrar tão já, mas o modo mais eficaz de se livrar dele o mais breve possível é distanciar-me de si, sem contacto nem nada. Não acredito cegamente que amizade de sexos opostos dura muito sem nenhuma das partes estiver interessada em algo a mais para além de amizade e quando há segundas intenções em uma amizade, isso quer dizer que já não é amizade e sim um falso amigo fingindo para outro para se aproximar e ganhar aquilo que pretende ganhar. Eu como não sou tão burro a ponto de se tornar um falso amigo e causar mágoas, revindico a nossa amizade com ou sem a sua permissão. Agradecia que isto terminasse entre nós e não andasses a partilhar a seus conhecidos como o tens feito.

Foi bom o quanto durou, mas acabou, veja só D., até rimou.

Ponderação

«Que não se tenha pressa, mas que não se perca tempo»

José Saramago, Escritor Português galardoado com o Prémio Nobel de Literatura de 1998.

Um dos segredos do sucesso, é a Ponderação.

Acredito fielmente nesta afirmação por ser a prova viva disto (num aspecto da vida), sem querer vangloriar-se é claro, estaria a ser convencido demais. Ponderação tem um significado muito aproximado de Moderação, a diferença é que o primeiro consiste em manter o equilíbrio entre duas forças contrárias, e o segundo remete ao distanciamento de qualquer excesso deixando ficar apenas o necessário.

Certa noite, encontrava-se eu em uma dialética sem um tema específico, com um vizinho «senhor de meia-idade», técnico médio em mecânica de automóveis e uma das referências principais cá da zona quando o assunto é mecânica. No meio de tanta conversa, ele me elucidou a cerca da Moderação, afirmando que os jovens de hoje em dia não conseguem encontrar um equilíbrio entre o momento de Concentração e o momento de Diversão, nos distraímos mais do que se concentramos e por isso os nossos estudos não decorrem bem, refiro-me aos estudos pois foi nesta vertente que ele conduzia a conversa visto que estavam sentados ali dois estudantes, eu e um amigo meu. Eu comecei a acenar com a cabeça em sintonia as terminações de cada frase sobre o assunto e perambulando nos meus pensamentos a tentar encontrar motivos contraditórios sobre tais afirmações. Mas nada, acabei por acreditar na sua verdade e passei a construir um pensamento forte sobre tal tema. Hoje, passadas três semanas, eis-me aqui a escrever

sobre o assunto, com um final motivador em mente. A princípio «o senhor de meia-idade» falou-me que a Moderação é nosso inimigo e ainda não conseguimos encontrar um equilíbrio entre essas forças contrárias em nossa vida académica: a hora de Diversão ou Distração e a hora de Concentração, certo. Mas eu passo a retificar o «senhor de meia-idade» porque ele falou da Moderação interpretando ao pé da palavra, baseando-se se calhar no seu entendimento ou capacidade intelectual, ou ainda, pela sua idade poderia afirmar que foi mesmo pela sabedoria que o tempo o deu. Quando pensamos em Moderação, vagueiam palavras em nossas mentes como: saber moderar, encontrar um equilíbrio entre isto e aquilo, comer de forma moderada, não muito nem pouco, apenas um pouco dos dois..., mas como afirmei no princípio a Moderação tem significado aproximado da Ponderação e eu prefiro usar o termo Ponderação por estar mais próximo da realidade que o «senhor de meia-idade» resplandeceu a mim e ao amigo de lado, com isso não estou necessariamente a o contrariar ou corrigir, muito pelo contrário, estou eu se calhar a levar o tema a sério que tive a audácia de consultar o meu dicionário electrónico para ter a certeza daquilo que ia escrever. Tive ainda tempo de arrumar melhor os meus pensamentos para escrever sobre este assunto, e cá vou eu. Tudo na vida, tem dois lados, tal afirmação me baseio no senso comum sem querer aprofundar muito este assunto e arranjar termos filosóficos para explicar isso, então mantenho a minha afirmação. Repito que, tudo na vida tem dois lados, o bem e o mal, o homem e a mulher, a noite e o dia, a cara e a coroa, idem, e para mim não existe nenhum lado melhor que outro, pois todos têm razão de existir, todos têm o seu mérito. O exercício que cada um deve fazer, é encontrar um equilíbrio de ambas partes, saber Ponderar.

Certa vez, estava aí em minhas leituras superficiais em páginas da internet, não me lembro o que procurava mas encontrei uma frase que afirmava o algo parecido com «toda mulher quer ser tratada como uma princesa quando estiver com o seu companheiro

em sítios públicos - fora do quarto para ser mais específico - enquanto dentro do quarto ela quer ser tratada como uma puta». Afirmação forte esta, mas que no fundo carrega uma certa verdade, segundo o que os meus olhos mostram-me nos dias de hoje. Bom, eu guardei isso na minha mente e um dia tive a oportunidade de estar sentado em frente a duas mulheres e dois amigos, todos com idades aproximadas. Estávamos em casa desses dois amigos meus na baixa da cidade, em um prédio branco e alto, com mais de oito pisos que fica no quarteirão delimitado pela avenida vinte e cinco de setembro esquina com avenida guerra popular, e desconheço os nomes das outras duas avenidas que delimitam o quarteirão. Mas o prédio situa-se em frente a avenida vinte e cinco de setembro, o edifício mais alto que ali está. A ocasião da nossa estadia por ali, era para dar as nossas condolências ao nosso amigo - que para manter a privacidade o tratarei pela inicial de seu nome - D., que acabava de perder seu Pai naquele mesmo dia, por motivo de doença. Eu por ser um dos amigos próximos do D., e conhecido pela família, tive o papel de avisar aos outros conhecidos e amigos do mesmo ciclo social que o D. e meu, e as duas mulheres as quais me refiro, vivem no meu bairro, a poucos quarteirões do meu. A mais velha é a M., julgando pela postura física, alta, clara, meio tímida e conservadora, com a aparência de uma mulher mas com sorriso e graça ainda de uma menina - é de salientar que a M. é a pessoa com quem tenho mais afinidade em comparação com a H. A H., uma mulher simpática, que parece tímida a primeira impressão, alta também, séria e com um tom de pele mais escurecido que da M., e termino por aqui pois está a ser difícil criar a imagem delas com pormenor, não é o meu forte. As duas mulheres, são amigas minhas e entre elas também são amigas, e todos nós somos amigos e conhecidos do D., se conhecemos na escola, na época em que frequentávamos o ensino geral. Uma coisa levou a outra, eu não perdi tempo de matar a curiosidade em saber o que elas pensavam do assunto, aquele assunto de princesa... puta..., e rapidamente expus a afirmação na espectativa de conseguir algum esclarecimento, visto que é um assunto feminino,

ninguém melhor que elas para esclarecer. Com uma prévia introdução e um prévio aviso para não soar um comentário tolo e pervertido, elas acenaram com a cabeça aceitando tal desculpa, e eis aqui que surge um comentário por parte da H. - a mais conversadora com aparência de tímida; é sim, mas existem homens muito safados - se referindo ela a parte da frase que diz que, no quarto gostam de ser tratadas como putas... Logicamente que existem homens safados, aqueles rebeldes, pervertidos que só pensam em sexo e que muitas das vezes olham para a mulher como uma «vagina com cérebro», que só serve para aliviar as suas erecções, sem falar que as usam também como objectos de ostentação, assim como existem homens muito correctos e centrados que são chamados «matrecos» por elas, aqueles homens que as amam, as respeitam, e só querem o melhor para elas. Com isso quero dizer que há dois grandes grupos de homens; os que tratam a mulher como puta e os que tratam a mulher como princesa, e nesses grupos existem outros vários subgrupos diferenciados um do outro pela sua personalidade. Mas dos dois grupos não há cá um melhor que o outro em termos práticos, e a H., concorda comigo se a memória não me falha, uma vez que todos falávamos em simultâneo não se percebia bem, e eu como não dava maior atenção a opinião da H. - comparando com a M. - porque eu sempre queria saber da opinião da M., mas ela se mantinha calada só a escutar e as vezes comentava isso e aquilo. O que me fazia ignorar alguns comentários da H., não era a minha indiferença não, é que ela falava muito eu já a conhecia, e gosto disso porque com ela assunto nunca falta, mas eu queria era ouvir mais daquela mulher que há bastante tempo sentia uma atracção por ela, ficava a imaginando em diferentes circunstâncias daquelas constrangedoras de se dizer num texto desses que muitos vão ler: sonho meu esse, sonho meu. Sobre a M. só conhecia o básico e queria explorar mais o pensamento dela, saber como pensava e que outras máscaras ela vestia, e a conversa parecia apropriada para tal - por favor não me condene porque eu já tentei várias vezes ter essas conversas em particular, mas ela não dá corda, sempre

arranja um pretexto para não se encontrar comigo, excepto quando ela sente vontade e me liga, vontade de conversar ou quando quer um favor. A opinião da H., entrava em concordância com o da M., que demorou a se pronunciar, mas concordam em parte com aquele assunto de princesa... puta... e afirmam que essa safadeza deve ser Ponderada. Sim, isso. Ponderada - apensar de não terem falado isso - os comentários convergiam a este termo. Um homem não pode ser completamente romântico, sensível a afectos da sua parceira, sempre carinhoso e atencioso a sua musa. Nenhuma mulher quer ser tratada deste jeito em todas as ocasiões, isso cansa e pode chegar a se tornar um martírio mental o que depois de um tempo, se torna razão do rompimento do relação. Assim como um homem não deve ser totalmente abusivo, intolerante e causador de discórdias no ninho da relação que constrói. Há que haver uma Ponderação, um equilíbrio de forças entre estes dois modos de agir. Ser carinho quando for necessário, e irritar-se com a mulher quando for obrigado a isso, evitar a auto-enganação que «sou um homem de bom humor constante, não me irrito e nem discuto, dou sempre razão a minha mulher». É quase impossível mudar a maneira de ser de alguém, porque o modo de ser é resultado de uma vasta gama de factores externos que influenciam nosso pensar, agir e comportar, durante nosso crescimento e desenvolvimento. É a maneira de ser, que cria a diferença entre os homens, daí que os carinhosos existem assim como os safados são muitos por este meio da conquista. Se sou carinhoso inato, não serei um safado excelente, então me aproximo do safado inato para instruir-me, pois já sei que minha namorada apenas respira a santinha como eu, mas na cama ela não é nada santa. A minha áurea de homem carinhoso é válida até certo ponto no acto sexual, nas preliminares se calhar e a seguir a isso, tem um momento que a namorada está com tesão que só apenas o homem safado pode apagar, aí que enceno como um safado a penetrando como puta, aquela penetração acelerada como se estivesse a escovar os dentes apressado, falar desavergonhado palavras excitantes em seu ouvido, dar aquela pegada firme de macho alfa.

Findando a verborreia: Alguém disse que «aprender a ficar sozinho é libertador», mas também gostamos de estar sempre acompanhados por pessoas queridas e amadas, ninguém vive por si e para si apenas, é impossível por isso que o ideal é aprender a se isolar dos outros quando for necessário, quando se sentires envolvido demais num grupo e precisares distanciar-se para arrumar seus os seus pensamentos reflector sobre suas acções. Aí sim, podes aprender a gostar de estar sozinho mas, não a ponto de amar a solidão, pois isso pode desligar-te do circuito das vivências humanas, ou mesmo te levar-te a insanidade. Esta segunda-feira, D., uma das minhas amigas, caminhava comigo de baixo do sol, estávamos a ir a biblioteca e no meio da conversa ela fez um comentário sarcástico, «estudar é a melhor forma de se divertir porque só aprendes e ganhas mais conhecimento» e eu ri e refutei, e depois a conversa tomou um diferente rumo. Hoje refuto novamente neste monólogo, afirmando que estudar não é se divertir, estudar requer concentração, apesar de ser verdade que quando estudas ganhas conhecimento, a diversão é mais uma distração para quando o cérebro estiver saturado ou apenas tiveres a mera vontade de se divertir. A maior dificuldade que têm enfrentado os jovens estudantes e alunos, é a separação dessas forças contrárias, é como se no cérebro deles existissem duas vozes, uma que ordena que se concentre e outra que os obriga a se distrair. A segunda voz tem vencido sempre porque estes jovens têm falta de motivação naquilo que fazem, mas este assunto fica para outra ocasião.

PRONTO, DISSE

Não sei, talvez, o que é namorar, nem procuro saber dos meus conhecidos que namoram porque boa parte deles não têm relacionamentos duradouros, então eu perco o interesse de os procurar. Mas eu por ser uma pessoa muito centrada com objectivos claros, acreditava que eu iria começar a namorar quando precisasse construir algo sólido com uma mulher, por isso acredito que namoro é um estágio para um futuro casamento. Por eu ser muito tradicional e directo nessas questões de relacionamentos eu não me dou bem, as vezes acredito que eu não devia ter nascido nesta época, agora as coisas são complicadíssimas para pessoas como eu, dantes era tudo perfeito. Hoje as mulheres não só querem amor do homem assim como também elas querem que o homem se pronuncie com atitudes como sair para um programa, presentes e palavras bonitas regularmente. Eu amo da minha maneira, não sigo nenhum padrão, as vezes posso até gostar de alguém, de a ver feliz, e por mais que não esteja comigo eu ficarei feliz se ela estiver também feliz com alguém que a faça feliz, afinal de contas ninguém é obrigado a gostar de outrem só porque esse mesmo gostou dele ou dela. Eu já me apaixonei, já gostei e já amei, mas nunca fui retribuído talvez da maneira como eu esperava que fosse, terminando em um relacionamento. Eu de si, gosto, muito até porque sempre que me dou conta penso em si não vou mentir, mas tenho notado que tu também tinhas um sentimento por mim que acredito que já não existe ou já está a desmoronar, tens estado distante, não falo do sistema métrico, falo da distância amorosa. Não correspondo aos padrões de homens que tens-te relacionado com eles, percebi isso das nossas conversas, somos diferentes acredito porque já pude perceber e não sei se isso é bom ou mau para um relacionamento, mas temos modos de agir e pensar distintos, talvez em alguns pontos somos compatíveis mas não naqueles que realmente gostarias. Eu admito que não tomei atitude no nosso primeiro encontro, não sei o motivo talvez por eu ser perfecionista e querer que tudo saísse perfeito e não queria cometer nenhuma falha, como quando fosse a beijar, o que devia fazer com a língua, com os lábios e as mãos onde deviam estar,

quando devia parar, o que devia dizer depois, coisas assim. Desperdicei uma oportunidade de criar uma aproximação, despertar interesse em si, ou quem sabe talvez criar atracção física e não só emocional. Homens como eu são daqueles que todas mulheres sonham, mas não querem ter como marido, esposo, namorado, mas querem ter como amigos que podem contar tudo, querem conversar para rir, aprender ouvindo conselhos, idem, é aqiuilo que eu chamo de «amigo gay e palhaço, tratado como bengala». Não te condeno, culpo a mim mesmo, e um dos motivos que me deixa assim é que estou indiferente para tudo na vida, já não me emociono com nada, sinto um vazio que minha meu maior amor deixou em mim, mas estou já a superar. Fazes-me rir, sinto-me feliz consigo, apesar de não nos termos visto pessoalmente mais de uma vez, e nem sei quando voltaremos a nos ver e com que cara irei encarar-te uma vez que mesmo para manter contacto visual por sessenta segundos sem interromper é uma luta devido ao meu problema, quer dizer, tenho tantos problemas que nem sei como irei conseguir relacionar-me com uma mulher assim, não sei mesmo porque mulheres para meu tipo, acredito que nem existem ou se existem nunca vou conhecer. Mas é isso que eu queria dizer-te, sinto-me aliviado por desabafar mas com medo da sua interpretação ou decisão final. Não quero que sejas emotiva ao me responder, fale aquilo que te vem em mente da maneira mais espontânea possível, não precisa medir palavras comigo, não conseguirei zangar-me consigo por muito tempo.

Mãe

Nunca disse isso a ninguém.

Ninguém gosta de falar dos seus problemas, pelo menos é o que tenho notado, as mulheres ensinaram-me assim. Mas devíamos ser transparentes para não se suforcarmos na nossa escuridão interior que lentamente nos tira a paz. Eu desde que perdi minha Mãe, da maneira mais dolorosa, eu a vi lentamente a se aproximar da morte no leito do hospital que foi o seu último lar. Morreu sem mesmo se despedir do seu único filho na qual ela dedicou sua vida inteira apostando na sua educação, investindo nos seus estudos, e se preocupando demais em todos aspectos de sua vida. Fazia uma semana que não a visitava no hospital, na última vez que fui para ver houve, um problema porque o meu avô também estava lá para a ver e as enfermeiras não permitiam mais de uma pessoa durante o período do meio-dia. Eu fui-me embora, com oitenta por cento de tristeza e os restantes vinte por cento foram de alívio, por não poder ver o seu sofrimento porque sentia-me mal depois das nossas visitas, afirmo isso com muita pena e vergonha, não é assim que os filhos deveriam se comportar com suas Mães. A última vez que vi minha Mãe foi quando ela estava numa maca no corredor do hospital central, aproximei-me e perguntei se ela precisava de alguma coisa e ale afirmou que não num tom muito baixo de alguém que estava sem forças até para falar. Estas foram as nossas últimas palavras, ela talvez não precisava de nada mas eu juro que precisava de um abraço, e se soubesse que aquela era a última vez que eu a via, iria pedir mais que um abraço, teria falado mais, ou quem sabe se as lágrimas iriam censurar-me as palavras, não sei porque isso só acontece uma vez e acredito que ninguém se prepara para isso. Não adiantaria em nada eu fazer descrição da minha Mãe para si porque nem mesmo eu a percebia, talvez por sermos muito parecidos em termos de personalidade, o que posso

adiantar é que ela era muito introvertida e boa pessoa acima de tudo, sem esquecer que era batalhadora, nunca cessou seus punhos na pugna contra penúria, nunca abandonou seus projectos, mesmo quando estava a ser consumida pela sua doença ela ainda encontrava forças de levantar nas primeiras horas da manhã de acordar-me para eu ir a escola e ela ao trabalho. Muitas vezes sentia-me mal por isso mas o que fazer, era vida dela e ela queria aquilo não podia a impedir, ela era teimosa como eu. Ela já fez de tudo na vida para garantir seu sustento e meu, apesar de ter sido pouco letrada, com apenas a sétima classe, ela não fazia disso algo para desistir, ela já foi promotora de vendas de caixa de músicas, ela já foi óptima babá, ela já foi empregada doméstica, já foi diarista, já foi cozinheira, já vendeu alimentos fritos na rua, laranjas, enfim, o seu último trabalho foi como empregada doméstica. É impossível eu esquecer dela ou existir uma mulher na minha vida que irá preencher este vazio que ela deixou, por mais especial que seja essa tal mulher ela só poderá ter uma vida comigo e ter o seu próprio espaço em mim, mas preencher este espaço vazio ela nunca irá conseguir e não a condeno porque não é esse o objectivo dela. Nunca vou esquecer minha Mãe mas talvez um dia esta dor possa amenizar-se, mas esquecer nunca. Eu acreditava em deus até quando ela começou a ficar doente e me fiz questões a cerca de muita coisa que nunca faria, comecei a procurar motivos fortes para acreditar em deus mas não adiantou, deus hoje para mim só existe nos livros, simples assim. Não nego que existe um criador mas nego que ele é como dizem que é nas seitas e religiões. Quando soube da notícia que minha Mãe faleceu, foi no mesmo dia que eu pretendia a visitar no hospital porque era o único dia que havia conseguido tempo para ir até ao Hospital da Machava com meus outros familiares mas depois tudo ficou negro, minha avó entrou em casa a chorar e eu já calculava do sucedido, apenas sentei-me e todas minhas emoções desligaram-se, não consegui nem mesmo deixar cair lágrimas do momento, mas depois de tomar um banho e tomar chá as lágrimas teimosas iam jorrando dos meus olhos, salgadas entravam na minha boca e

outras iam ficando na rosto e outras ainda tinham a oportunidade de chegar ao chão. Foi a única vez na vida que chorei tão profundamente, depois alguns amigos da família se aproximaram e tentaram acalmar-me. Foi temporariamente, aparentava estar mais calmo quando na verdade todas as noites molhava a almofada de lágrimas, isso se repetiu por muito tempo até este ano, mas depois comecei a procurar forças para continuar a viver sem sua presença física. Não podia continuar assim depressivo, indiferente, comecei a tentar viver uma vida normal, coisa que nunca fiz, minha vida antes era algo estranho que eu queria acreditar que era normal quando na verdade era uma farsa. Lembrei das palavras que me disseram, que agora que a minha Mãe se foi eu deveria continuar a representar ela, junto da família e outros, essa é a única coisa que me fez não desistir de tudo, porque motivos já tinha colhido muitos para poder desistir só faltava era mesmo desistir, desistir da escola, do RAP (que infelizmente já desisti), da escrita, da leitura, idem. Contudo, minha Mãe se foi, eu fiquei, a vida tem de continuar com ou sem ela, vou continuar a lutar, sozinho.

Por aí não vou

«Se andares por caminhos que todo mundo andou, chegarás a lugares que todo mundo chegou»

Alexander Graham Bell, Inventor do Telefone

Desde a existência do Homem na terra que existem os deuses. Bom, se calhar o livro de gêneses é realístico em um parágrafo que diz que o Homem fez deus a sua imagem e semelhança, verdade que podemos encontrar estampada na aparência dos milhares dos deuses já então criados. Uma das versões mais completas de deus, consiste na junção de tantos deles em um único, hábitos, manias, medos, anseios, atitudes, idem, esse exemplo mais completo que temos no cristianismo é prova imaginária - para não dizer viva - de que o homem fez deus a sua imagem e semelhança. Muito bem então. Pela ingenuidade desse facto, o Homem ainda acrescenta um comentário sarcástico em gênese afirmando que ele, o Homem, dotou outros Homens, os alienados ou preguiçosos mentais ou melhor, os conformados, de «liberdade de escolha», que podem trilhar qualquer caminho que o apeteça, que podem rezar a qualquer deus criado pelo Homem..., só mesmo rindo calado e assistindo. Qual liberdade de escolha qual quê? Se só há dois caminhos a se seguir no fim das contas, o caminho Certo e o caminho Errado, e antes que o leitor comece um monólogo mental filosofando sobre o que é Certo e o que é Errado, deixa-me acrescentar que o Certo e o Errado que me refiro, é o Certo e o Errado aos olhos do Homem, do «Homem criador do deus». Basta seguir tudo que vem lá naquele dito livro sagrado, que os conformados preferem a tratar por bíblia sagrada, estarás automaticamente e alienadamente a seguir o Certo, e tudo que é proibido pelo livro, tudo que é abominação para ele, está já

previsto por ele mesmo sem deixar escapar quase nada, e isso não podes seguir por recomendação porque é o caminho Errado. Ao alienado que segue o caminho Certo, terá benefícios depois da morte, na segunda vida, olha só tamanha audácia do «Homem criador de deus» ao afirmar tal coisa em seu livro, esta é uma promessa que não pode ser refutada devido ao desconhecimento dos mistérios que a morte reserva, simplificando, nada se sabe sobre a morte, apenas nós os vivos sabemos que o corpo do falecido entra em decomposição, até só restarem os ossos, e não o pó como se tem dito. Esta recompensa por ter seguido o caminho Certo, se calhar se refere ao funeral o «Homem criador de deus», não sei bem mas é bem provável. Ao rebelde, que o «Homem criador de deus» em sua apostila trata por iníquo, por seguir um caminho Errado ele é condenado, a morte eterna. Resumindo, o «deus do Homem criador de deus», que também é o «Homem criador de deus», ele dá a vida eterna há quem segue o caminho Certo e dá o castigo e a morte eterna a quem segue por um caminho Errado aos seus preceitos, este «Homem criador de deus» é Protagonista e Antagonista em sua própria história, ele ainda tem a audácia de afirmar que temos liberdade de escolha, que podemos escolher o que quisermos, mas dentro dessas duas possibilidades apenas, e nada fora disso é negociável. Então eu questiono ao alienado, tendo duas possibilidades de escolha, em que deves escolher apenas uma opção e na primeira terás a recompensa depois da morte - mas do nada valerá porque já não tens vida para gozar da recompensa - e na segunda escolha que fizeres serás condenado por ele mesmo, o «deus criado pelo Homem», que é o «Homem criador de deus», mas afinal, qual é a escolha que tens aí? Para mim liberdade de escolha é ser convidado a uma festa e no momento de servir, ser apresentado uma mesa com múltiplas escolhas de tudo que é bom para se comer e eu servir aquilo que me apetece do momento, ou misturar um pouco disto e aquilo, isso sim é liberdade de escolha e não servirem uma panela de carne e outra de óleo de motor queimado e borracha, nunca escolheria. Dando corda ao pensamento de liberdade de escolha, a nossa

existência passageira, no contexto individual de cada um, e nossas vivências, são influenciadas por conceitos externos como o do «Homem criador de deus», e essas influências que vêm de fora, ora são boas, ora são más para cada indivíduo. Sabendo disso, era suposto existir uma espécie de «filtro» em nós para além de conhecer o Bem e o Mal apenas, reter em nós o que é Bom e apartar o que não nos é útil. Tal filtro existem em nós, para a alegria de poucos, e chama-se Cérebro, que fica localizado em um lugar muito estratégico, no interior da esfera simétrica por onde situam-se os receptáculos do que é Bom e do que é Mau, enfiados em forma de sons, imagens, odores e paladares e o Cérebro, antes de armazenar descodifica os dados encriptados e nos dá a leitura clara. Este filtro que é o Cérebro, funciona mais rápido que qualquer computador criado pelo homem e é mais flexível também, quando recebemos dados para serem filtrados, ele antes confirma no sistema se já existe ou não um dado semelhante ou idêntico para não ter que descodificar novamente, e quando existe ele simplesmente faz a leitura de imediato. Um exemplo clássico é quando alguém está a falar e antes que termine as palavras tu já sabes a resposta de antemão mas, é recomendável que oiças tudo e depois respondas sem o interromper, chamemos isso de Respeito. Com este grande filtro que temos, que não necessita de muita manutenção, era suposto sabermos tomar as nossas decisões, fazermos as nossas escolhas sem sermos influenciados pelos preceitos do Homem, do «deus criado pelo homem» e do «Homem criador de deus», porque todos preceitos externos são sujeitos a Rótulos, e não queremos viver rotulados não é mesmo? Contudo, na prática não tem sido assim, a coisa é automática, tudo que se lê, se ouve e se vê é decretado como Verdade ou Mentira, Bem ou Mal, e qualquer outra qualificação estipulada por nós Homens, a esses dados que são armazenados logo que passam pelos receptáculos, sem serem filtrados, o homem atribuiu o nome de «senso comum», tamanha imaginação que tem o «Homem criador de palavras», só mesmo rindo calado e assistindo. Não é deus nenhum, «Homem criador de deus» ou simplesmente

Homem que deve dizer-me que caminho seguir, eles até que podem sugerir, mas cabe a mim decidir se quero seguir ou não por esse caminho e se quero, como irei seguir. Independentemente da escolha que eu fizer, desde que satisfaça a mim e prejudique poucos ou a ninguém se possível, devo ser respeitado, pois eu sei melhor que ninguém, a vontade que temos em convencer as pessoas das nossas convicções, das nossas certezas e verdades. Temos sempre a certeza de que as nossas escolhas são sempre as melhores e queremos que os outros Homens sigam aquilo que achamos de melhor em nós ou para nós, acreditando que para eles também será assim mas, as coisas não funcionam deste modo, nenhuma verdade é absoluta, cada um carrega a sua verdade porque é algo que é directamente proporcional as nossas convicções, trata-se de uma proporcionalidade linear e não pendular a que o homem criador de palavras prefere chamar Princípios, que seja isso então. Que valor tem um homem que é dito o que fazer? Esse se quer devia ser tratado por homem porque faz uso do seu Cérebro para nada, salvo o homem debilitado mentalmente, com a consciência amputada, esse realmente precisa de um outro Homem para o ajudar na tomada de suas decisões, infelizmente.

Findando a verborreia: Um Homem deve tomar suas próprias decisões como, se vai entrar ao ensino superior ou trabalhar com o conhecimento que já possui, não são os Pais com esse poder, os Pais devem é respeitar suas decisões e passar somente os conhecimentos que eles aprenderam durante seus anos de vida, e nem serão os amigos, ou quem quer que seja mas, esses e outros podem ajudar na tomada dessa decisão sugerindo a melhor hipótese para que o «Homem em comando de sua vida», não se perca por caminhos turbulentos. As vezes, de tanta incerteza, o «Homem em comando de sua vida» não consegue se decidir

mesmo com tanta opinião que recebe, ele simplesmente não consegue aceitar se vai pela esquerda ou pela direita, e ele para, nem para a esquerda nem para a direita ele vai, não sabe ainda por onde deve ir mas está convicto de que não é para a esquerda que ele vai, e nem é pela direita que ele vai, e sim por onde sua vontade e preparo o indicar.

O Ajudador

Bom, a crise económica actualmente está a dar de falar em Moçambique, desde que foi anunciado que o senhor patinhas fugiu com o saco azul e deixou os cofres do estado num total vácuo. Todos estão a sentir na pele, bem, pelo menos a maioria da classe operária, e os freelancers também não são excluídos da fórmula, por isso surgem muitas ideias de empreender. Mas, a solução de empreender não é tão simples como enfatizam os analistas que os assistimos regularmente a partir da caixa à cores em nossas casas, não é fácil empreender porque para começar qualquer que seja o empreendimento é necessário um capital para investimentos e também um plano bem elaborado, que é um dos alicerces mais descriminados por muitos. O capital pode ser conseguido no Banco, mas o Banco só aceita fazer um empréstimo quando se tem uma garantia de devolução com taxas de juros e um bem qualquer para ser penhorado, caso não consiga pagar o empreendedor, e quanto ao plano, é necessário uma consultoria específica para o pretendido empreendimento ou pelo contrário, um plano elaborado pelo próprio empreendedor, desde que tenha imaginação suficiente, ou então, que tenha as ferramentas académicas necessárias para executar a sua visão de negócios. Contudo, sabemos todos que é uma tarefa quase que impossível porque a maior parte da sociedade vive de renda baixa e não possui bens penhoráveis, outrossim a questão do plano só é viável se o empreendedor tiver imaginação, porque as duas outras opções ele estará sujeito a valores monetários que não possui, e são poucos os que têm a sorte de ter algum familiar disposto a arcar com as dispensas. Ganhar dinheiro para o sustento e caprichos de forma legal e correcta, não é tarefa para os fracos, daí que surge o «improviso», que muitas vezes é o caminho usado aqui na cidade capital, que consiste em um auto-emprego criado pelo indivíduo e, a estes eu só tenho uma palavra, avante. Se saíres as ruas da

cidade-cimento consegues ver muitos indivíduos lavando carros com baldes de 20 litros, outros controlando os mesmos, uns ainda ajudando nos Mercados a carregar a mercadoria dos compradores, outros carregando sacos nas Mercearias, do caminhão ao armazém e vice-versa, entre outros tantos auto-empregos legais.

No cemitério do Ndlanguene em particular, se olhares com atenção as actividades praticadas, reconhecemos o «vendedor de flores e rosas» a serem depositadas nas campas dos falecidos, o «vendedor de água» para regar a vegetação da campa e molhar o solo por onde são fincadas as flores e rosas nos dias de visita, tem também o «controlador das viaturas» e o lavador que geralmente são os mesmos que controlam. Dentro do cemitério, podemos encontrar os «vendedores de água» novamente, com os mesmos garrafões plásticos e transparentes de cinco litros, tem também o «coveiro», que faz parte da jurisdição do próprio cemitério por isso o excluo da equação, e sim, já ia esquecendo-me do «cuidador da campa», que é contractado pela família do falecido. Este cuidador tem a tarefa de limpar a campa, no sentido de não permitir que aqueles arbustos e ervas cresçam e cubram toda a campa, ele também mantém a superfície da campa isenta de solo, entre outros cuidados que só com o tempo irei ter mais conhecimento. Desde o ano passado que frequento este cemitério e nunca tinha-me apercebido que afinal de contas, existem também os «ajudadores», para além do cuidador, este ajudador o encontras no portão, tangente ao «vendedor de flores e rosas».

Mas então, como o descobri?

No domingo do dia 17 de Julho desde ano, simplificando, ontem, acordei com o dia ensolarado e lavei umas calças minhas e os meus lençóis, e depois tomei chá e me dirigi a porta da rua, sem nada nas mãos, ia ao cemitério. Antes mesmo de sair, fui retorquido pela minha avó ao se despedir dela, da razão de eu ir ao cemitério sem levar o garrafão de água, e eu respondi que não gostava de carregar garrafas e que ia comprar lá mesmo, como o

habitual. De seguida, fui e atravessei a porta da rua, comecei a caminhar, e depois de alguns metros percorridos, puxei o celular do bolso e enfiei os auriculares nos ouvidos, precisava da companhia da música, e com as mãos nos bolsos do capucho azul que trazia marchei até a estátua de Eduardo Mondlane, na avenida com mesmo nome, e esperei menos de um minuto até que me apareceu um chapa da rota Museu-Malhazine se a memória não em engana. Daqueles chapas de 26 lugares onde para quem está a entrar, vê a sua direita uma fileira de assentos, de uma única coluna e do seu lado esquerdo, por trás do banco do motorista, outras fileiras de assentos com colunas duplas, duas cadeiras em cada linha. Estava pouco cheio e sentei-me logo na primeira cadeira que encontrei à porta, na mesma cadeira que o cobrador costuma a sentar-se quando está vazio o chapa. Prosseguimos em viagem, eu a escutar música, outros a minha passageiros a escutarem inevitavelmente a conversa típica do cobrador e do motorista, e de outros ainda trocando conversa fiada. Chegado a universidade Pedagógica, entreguei doze meticais ao cobrador e pedi que me deixasse no cemitério, ele ouviu e me devolveu cinco meticais de trocos, fizemos a curva, contornando o campus da universidade e encontramos a avenida de Moçambique, uma das estradas nacionais, e em poucos segundos depois, desci do carro no primeiro portão do cemitério. Retirei os auriculares dos ouvidos, despedi-me da minha querida e amiga internauta, a A., que estava a responder a uma conversa que havia começado na noite anterior, e prometi que voltava a estar disponível em breve. Desliguei os dados móveis, pus os auriculares no bolso direito do capucho e o celular no bolso de trás das calças jeans menos azul que o capucho. Ali estava ele, o «ajudador», de longe não prestei atenção nele, aproximei-me de uma mulher dos seus trinta e poucos anos, que amarava capulana e estava sentada em uma assento de altura menor que a altura dos seus joelhos. Na mão direita, ela segurava um cacho de flores e a sua frente estavam vários garrafões de água de cinco litros, e dos lados também. Eu a saudei e perguntei com educação quanto custava um dos

garrafões, e ela respondeu dez meticais, tirei uma nota de cinquenta meticais que trazia no bolso esquerdo de trás da calça jeans e a entreguei, também perguntei quanto custavam as flores e ela me disse cinco meticais cada cacho, pedi de quinze meticais. Ela desamarrou o nó típico feito na capulana pelas mulheres onde guardam seu dinheiro, enquanto ela desamarrava em zaragata, o «ajudador» parado a minha esquerda ofereceu ajuda para limpar a campa, eu exclamei no pensamento; nunca havia ouvido nada igual antes!, e antes de recusar, perguntei mesmo depois de saber a resposta, de que ajuda se tratava e, ele já quase a alcançar com as mãos o meu garrafão disse que era para ajudar a limpar a campa. Eu a princípio queria aceitar, por ver o rapaz de seus treze anos, julgando pela sua fisionomia, que trazia chinelos gastos nos seus pés sujos de terra seca, cara pálida como se nunca tivesse aplicado vaselina e roupa toda gasta, esta era a figura do «ajudador», uma figura rota que comoveu-me naquele instante. Recusando a ajuda, levei os trocos, enfiei-o no bolso que havia tirado a primeira nota e carreguei as flores na mão esquerda e o garrafão na mão direita, caminhei, atravessei o portão e pus-me a pensar no sucedido. Qual seria a condição financeira daquele rapaz que num domingo como aquele, a aquela hora podia estar em uma igreja a cantar salmos, ou podia estar com os amigos a jogar uma brincadeira qualquer, ou ainda, com a família, mas não, ele estava ali no portão do cemitério, por baixo daquele sol, com os lábios secos a oferecer ajuda aos visitantes de seus ente queridos. Foi aí que pensei também, se ele fazia isso é porque deve de ser habitual que uma minoria que vem ao cemitério visitar um falecido, solicitar um «ajudador» para limpar a campa. Pensei logo de seguida, se estou há semanas sem ver a campa da minha Mãe, estúpido seria eu se contratasse um «ajudador» quando eu tenho mãos para o fazer, ingrato seria eu depois de nove meses no ventre da minha Mãe e mais duas décadas em seus cuidados, não conseguir limpar sua campa pessoalmente e ter que chamar um desconhecido para o fazer na minha presença como se não bastasse. Ainda a caminhar para a campa da minha Mãe, na área reservada aos muçulmanos

vi um senhor e três homens de estofo, a apartarem as folhas da vegetação seca na campa e o senhor mais velho, de bigode e cabelos brancos, barrigudo, trazia uma camisola vermelha da selecção de benfica, este que julgando pela tonalidade da cor da pele e a aparência do seu semblante, era um muçulmano decerto. De longe via-o, com gestos a orientar os homens o que fazer, e então apercebi-me que na verdade este homem estava a visitar um falecido e que contratou os três «ajudadores». Que vergonha, pensei eu, talvez é um dos seus progenitores por baixo daquela lápide de mármore branco, imagino que se alguma força desconhecida existe na natureza que dá continuidade a existência da consciência humana mesmo depois da morte, a consciência desse falecido está decepcionada com a atitude do seu herdeiro. Existem os «cuidadores» das campas que trabalham na ausência do seu patrão, cuidam de aspectos pontuais, como arranjar a terra depois de uma chuvada, não permitir a vandalização entre outros problemas que eventualmente possam ocorrem naquele cemitério. Esses são dignos de serem contratados e podem até se agradar os falecidos e não falecidos, que afinal de contas os nossos terráqueos no mundo dos vivos se preocupam com o estado das campas e que acima de tudo, mantém o respeito e consideração pela memória dos falecidos.

Ciente que não temos tempo de ir a campa todos os dias, os dias que lá vamos devem ser bem aproveitados, porque do nada valeu ir pagar a mão-de-obra a um «ajudador» e depois fingir uma oração e depois dar as costas e distanciar-se da campa, isso pode ser feito mesmo estando em casa, bastando ligar para o «cuidador» e ordenar a tarefa e depois o pagar num dia qualquer, excluindo se calhar, o acto de orar. Quero deixar bem claro que eu não sou contra nenhum desses trabalhadores honestos que ganham a vida sem prejudicar a de ninguém, não sou contra eles e acredito que eles não contratariam nenhum «ajudador» se o papel fosse aqui invertido. Mas sou contra a atitude do enlutado que não consegue usar suas palmas para fazer o serviço, se ele não pode estar lá no

cemitério, pode contratar um «controlador» ou «cuidador» e ele faz o serviço na sua ausência e não na presença. E também, que o enlutado encontre um tempo para o falecido, acredito que ele pode ter sido a pessoa que mais atenção o deu quando vivo e agora ficaria decepcionado se ele não conseguisse arranjar um tempo para visitar sua campa, depositar uma flôr em sua memória.

Em memória de
Lídia Jacinto Nhantumbo
1975-2015

Já está quase terminado

«Aplaudam, meus amigos, a comédia está terminando»

Ludwig Van Beethoven

Últimas palavras proferidas pelo compositor antes de morrer

FIM

Agradecimentos

Esta é com certeza a parte mais perigosa que escrevo nesta compliação porque é nos agradecimentos de devo fazer menção de todos aqueles que colaboraram directamente ou não para a cristalização desta feitura. Perigoso porque se corre o risco de esquecer-se alguém que contribuiu de igual maneira que outros que mencionarei, mas quero correr o risco de mencionar todos aqueles que nunca me esquecerei deles. A minha única Mamã que pariu este único filho, diferente de alguns e igual a poucos, és o maior expoente em mim, nunca ninguém a sustituirá. A minha Vovó que ajudou a minha Mamã a cuidar de mim (e ainda cuida até hoje) e que se não fossem por vocês eu não seria nada nesta vida. Ao meu Avô que me educou também, as suas bofetadas foram necessárias na minha infância e sem elas decerto que estaria perdido nos vícios das ruas, e agradeço também por me ter ensinado alguns ofícios domésticos.

Ao irmão do meio do meu avô, mais velho que ele que ensinou-me a carpintaria e a andar rápido, para além de outras coisas que me esqueço, seus ensinamentos influeneciaram na minha vida e escrita também. Ao meu tio Joaquim que me meteu na mecânica em dois mil e oito, logo que saí da carpintaria, foram cinco anos incríveis que aprendi muita coisa com os clientes, mestres e colegas lá da oficina. Ao tio Tony que partilhou sua clientela comigo, mesmo depois de ter entrado na mecânica, ainda arranjavas algum biscate para mim na carpintaria e foi ele quem me deu o primeiro DVD que usava para escutar instrumentais e RAPs que deram origem os primeiros esboços da minha escrita.

Aos meus dois amigos da zona que me fizeram conhecer o mundo do Hip Hop, Kess e Celso, que juntos criamos nosso grupo que não chegou a dar certo, mas aprendi muito com vocês e a minha faceta MTA só existe porque vocês me mostraram o

caminho que até hoje tenho trilhado, agradece imenso. Ao meu companheiro de estrada até hoje, se conhecemos naquele ano em que esta coisa de Hip Hop começou em nós, éramos os únicos na zona e ainda somos, Adelino a.k.a. Black Dog meu amigo estamos juntos, deste muito apoio neste percurso, nunca esquecerei de si também. Ao Alexandre a.k.a. Granada, companheiro de Black Dog que partilhamos juntos momentos de muito RAP aqui no meu quarto com o mini estúdio improvisado.

Ao Anginho que me forneceu arquivo de Hip Hop antigo feito em Moçambique, arquivo este pertencente ao seu Pai, foi graças a estas músicas que comecei a escrever minhas primeiras letras, eram músicas inspiradoras aqueles. Ao Anginho novamente que me apresentou seus primos, Bob Z e Timóteo, eles tiveram um papel importante em minha vida, são como irmãos que nunca tive, juntamente com Anginho e seus irmãos também. Ao Bob Z que me apresentou ao Gil, Lírio, Dénio e Raimundo, amigos somos até hoje. Ao Lírio e Bob Z que foram os únicos colaboradores na minha mais prestigiada mixtape «Verbum Pro Verbo», que juntos participaram em algumas músicas. Ao Boz Z que tem sido como irmão, contribuímos os dois para a construção de nossos próprios pensamentos através de conversas longas e esquisistas que temos tido regularmente. Ao nosso mais velho, Gil, que juntos com Bob Z temos formado um trio bastante sólido de amizade que nunca conheci antes, juntos temos passados momentos bastante importantes, temos apoiado um ao outro. Ao Amós que me mostrou o programa de captação de voz, Samplitude, que com ele gravei muitas músicas nos últimos cinco anos.

A Yara, minha primeira amiga e amor (não correspondido), garças a ela aprendi e venho aprendendo (não com ela) muita coisa relacionada ao comportamento do sexo oposto, ela também foi a primeira a inspirar meus textos, foi a minha primeira «Rainha sem coroa» a ser chamada assim. Ao Dénio, irmão da Gizela, que foi um grande fornecedor de música RAP e me apresentou sua irmã.

A Gizela, minha segunda amiga, influenciou também minha escrita através das discussões que tínhamos e ainda temos. A Gizela por me ter apresentado a Djulian, grande mulher que inspirou em muitos temas escritos por mim, na rima e na prosa. A Mariana, minha amiga e meu segundo amor (correspondido, não como queria), tem sido uma amizade e tanto com muitas discussões, mas a amizade supera tudo, aproveito a ocasião para dizer que te amo.

A Tulipa, mulher especial, não só para mim, para todas que a conhecem (quero acreditar), obrigado por fazeres parte da minha vida, para você que não a conhece, Tulipa tem sida um grande apoio em minha vida, como uma irmãzinha e tem incentivado também a escrever Assemblage, és um pilar na minha vida e não preciso dizer que te amo porque já sabes, mas como és meio ciumenta aí vai, amo-te. A Mercília, colega divertida que esteve muito presente nos momentos mais obscuros de minha vida, a única amiga que converso sobre Hip Hop com ela, agradeço por ter lido meus textos ainda na fase embrionária e as dialéticas que tivemos sobre os mesmos, forte abraço.

Ao Neutel, amigo que também acompanhou a evolução da minha escrita e incentivou muito que eu fizesse um livro, pronto amigo, isto não é um livro mas já é quase isso, agora espero que tenhas tempo de o ler. Ao Emídio, amigo muito amigo este (para não dizer um dos melhores amigos), temos filosofado bastante sobre quase tudo da vida, temas bastante controversos e polémicos, mas apesar de muitas vezes não concordarmos em pontos de vista, ainda continuamos amigos e aprendemos muito um com outro por essa razão. Ao Emídio novamente, que tem dado força em minha vida, apoiado em quase todos os aspectos importantes de minha vida que com ele partilho, estamos juntos meu irmão, forte abraço. Ao Erménio, por ter sido um leitor crítico do que escrevo. A Lumina, Rosy, Ruben, Tongay e a todos que leram minhas publicações antes mesmo de entrarem para esta

Compilação. Ao Felizmundo que tem apoiado a causa e me dá muita energia positiva através de seus elogios enaltecedores. Ao Antoninho, amigo da zona, somos dois universitários da zona mano, agradeço as conversas que temos tido até a calada da noite, sobre ciência e academia, ajudou bastante a alimentar minha mente para poder escrever. E já agora, agradeço a minha amiga pessoal e internauta que tem apoiado minhas causas em geral, Lídia é de si mesmo que me refiro, continue a ser essa doce mulher e inteligente que és, um dia ainda se encontramos pessoalmente para poder agradecer-te. Ao Nakatembo, grande irmão este, tenho bastante admiração por si e somos os únicos que se mantemos amigos desde dois mil e dez na turma, és um grande irmão de grande coração, agradeço muito sua presença em minha vida. Ao Leonildo, que tem dado muita força em meus projectos também, tens os meus agradecimentos.

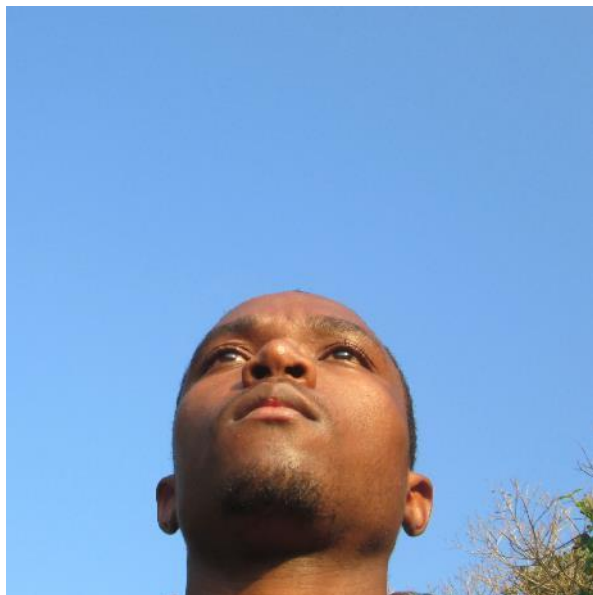
Ao Júlio a.k.a. Mágno, este homem é grande amante do Hip Hop e tem-me dado energia, ele é um dos poucos que tem acreditado em mim e admirado meu RAP, mano se não o tivesse reencontrado não teria gravado mais «Na Arquibancada Céptica», estava para desistir da escrita e gravação, estava sem forças e motivação. Ao Ivan, irmão do Kess, meu amigo antigo, posso arriscar afirmando que foi meu primeiro ouvinte fiel, ele tem acompanhado minha jornada no Hip Hop, me acompanhava nas gravações no primeiro estúdio eu a pisar, forte abraço Ivan. Agradeço muito a todos artistas que me educaram com sua arte, em especial aos Dealema, Racionais Mcs, Mind da Gap, Barrako 27, Valete, idem. Ao Maze (membro dos Dealema), em especial, que apesar da distãncia, foi um professor meu de Hip Hop com o qual partilhei meus escritos e sons, agradeço pelo seu tempo e comentários em prol do meu RAP.

E a não menos importante, a Balbina, amiga que conheço há pouco tempo, mas foi ela que me deu forças de começar Assemblage, se não a tivesse conhecido esta feitura nunca existiria,

agradeço muito mesmo Balbina e prometo não desistir de nenhum sonho que tiver, forte abraço.

Agradeço a todos vocês que não mencionei vossos nomes e também a todos que leram da capa à contra-capa, palavra por palavra desta Compilação.

Só para terminar de uma vez por todas

Sobre o Autor

Sou de nacionalidade Moçambicana, com idade suficiente para ter que confirmar com um número nesta nota auto-biográfica. Resido na capital do País, na cidade de Maputo, num dos bairros históricos (e periféricos), Mafalala. Vivo com minha avó e meu avô, uma prima mais nova e um primo mais novo ainda que minha prima. Acredito que sou introvertido e muito excêntrico. Boa parte da minha escrita é baseada nas minhas vivências e experiências neste mundo de ninguém, misturadas com as realidades de diferentes pessoas que fazem parte do meu ciclo social diário e aquelas pessoas que directa ou indirectamente as sinto mesmo sem as conhecer, sinto-me na obrigação de as recitar em meus escritos, por uma razão que explico depois deste ponto. A minha escrita não é completamente centrada em mim como aparenta ser, começo por dentro de mim a olhar e depois olho para fora e percebo que não estou sozinho a passar por um problema ou evento e isso me obriga a incluir as vivências dessas pessoas que passam por eventos semelhantes aos meus com objectivo de criar algo que a pessoa possa se identificar ao ler ou ouvir a minha palavra. Escrevo para reflectir e causar reflexão além de desempenhar papel de vínculo entre a palvra e as pessoas que não têm a capacidade de escrever o que vivenciam. Comecei em dois mil e doze a escrever, quando apaixonei-me pela cultura Hip Hop e comecei a escrever os meus primeiros RAPs antes mesmo de sentir o Hip Hop, não percebia muito bem o que era aquilo. A

forma de pensar que tenho, e estilo de vida em geral foi influência directa do Hip Hop, através da mensagem que me foi transmitida pelas músicas que ouvia. Em dois mil e quinze, comecei a escrever textos curtos de auto-reflexão e assuntos mais abrangentes que por acaso até publicava no mural do facebook, enquanto outros temas bastante íntimos ficavam e ainda ficam guardados no meu caderno de capa azul.

Depois da morte da minha Mãe, no mesmo ano, passei a escrever assuntos muito profundos sobre minha pessoa, meu ego, e aqui percebi que nos textos poderia assumir esta personalidade completamente minha sem rótulos ou misturar assutos meus e de outras pessoas. Doutro lado, nas letras assumia uma personalidade mais carismática, com temas bastante profundos também mas que iam além da minha realidade, e comecei também a abordar assuntos que causaram e ainda causam, certa polémica no meu ciclo social, deus e religião. Para quem me conhece há bastante tempo, sabe que fui um cristão devotado (para não dizer cegado) e que hoje virei um ateu, agnóstico, descrente ou sei lá que termo é apropriado para descrever minha situação mas, não escondo este passado, esta mudança de pensamento, por isso que trago nesta feitura temas dessa época que escrevia vlangoriando deus, transmitindo ensinamentos dele, enfim, foi uma mudança pessoal sem nenhuma influência externa, partiu de mim. Terminando, dizer que Assemblage é uma Compilação, a primeira obra que publico e talvez da próxima possa escrever um livro, não prometo nada apenas penso nesta hipótese. Para deixar seu parecer a cerca desta Compilação ou mesmo qualquer coisa parecida (ou não), deixo meus contactos a seguir.

Celular: (+258) 84 83 64 218
E-mail: jac.nhantumbo@gmail.com
Facebook: www.facebook.com/jac.nhantumbo
(*pelo nome de* L.J. Nhantumbo)

L. J. Nhantumbo

ASSEM BLAGE

Compilação de Letras & Textos